

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA LUISA DE ANDRADE

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: ACUPUNTURA URBANA - O CASO
DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE BARCELONA/ES**

CASCABEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA LUISA DE ANDRADE

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: ACUPUNTURA URBANA - O CASO
DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE BARCELONA/ES**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professora Orientadora: Arq^a M^a Andressa
Carolina Ruschel

CASCADEL

2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA LUISA DE ANDRADE

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: ACUPUNTURA URBANA - O CASO
DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE BARCELONA**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Arq^a M^a Andressa Carolina Ruschel.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora
Centro Universitário Assis Gurgacz
Arq^a M^a Andressa Carolina Ruschel

Professora Avaliadora
Centro Universitário Assis Gurgacz
Arq^a Esp^a Tainã Lopes Simoni

Cascavel/PR, 23 de maio de 2017

RESUMO

Fundamentado sobre os dois mais emblemáticos planejamentos urbanos que a cidade de Barcelona na Espanha sofreu, o presente trabalho abordará tais idealizações, o plano Cerdà e o planejamento para os Jogos Olímpicos de 1992, juntamente com o termo acupuntura urbana. Inserido na linha de pesquisa de Planejamento Urbano, o tema que a pesquisa alude se refere ao planejamento estratégico da cidade de Barcelona/ES correlacionado a um fato de acupuntura urbana, assim o objetivo geral da pesquisa se dá pelo anseio de compreender a relação, influência e contraposições que o planejamento estratégico realizado em Barcelona/ES teve sobre a cidade, possibilitando a proposição de um caso de acupuntura urbana. Assim, o problema que instigou a pesquisa foi: De que forma o planejamento estratégico da cidade de Barcelona/ES pode ser considerado como um pleno exercício de caso de acupuntura urbana? Com isso, se pressupõem que a cidade, diante de seus dois planejamentos, insinua um caso de acupuntura urbana. Para isso, a metodologia utilizada foi a dialética juntamente com um estudo de caso e uma revisão bibliográfica.

Palavras chave: Planejamento Urbano. Acupuntura Urbana. Barcelona. Plano Cerdà. Jogos Olímpicos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma Princípios da Acupuntura Urbana	20
Figura 2 - Mapa de localização da cidade de Barcelona/ES.....	24
Figura 3 - Divisão dos distritos de Barcelona/ES.....	26
Figura 4 - Sobreposição da área agrícola sobre o plano urbano de Cerdà (1859).....	29
Figura 5 - Estrutura dos bairros proposta por Cerdà.....	31
Figura 6 - Mapa de Barcelona/ES com as principais vias do Plano Cerdà.	32
Figura 7 - Bairros como foram idealizados por Cerdà/ Como foram concretizados	33
Figura 8 - Barcelona/ES em 1986 e depois de realizada as intervenções em 1992.....	38
Figura 9 - Estrutura viária Barcelona/ES.....	39
Figura 10 - Depois/Antes da revitalização na Orla Marítima de Barcelona/ES	40
Figura 11 - Vila Olímpica.....	40
Figura 12 - Vista aérea da cidade de Paris - França	44
Figura 13 - Área do centro monumental da cidade do Rio de Janeiro	46
Figura 14 – Medellín antes e depois do processo de revitalização.....	48

LISTA DE SIGLAS

EDU - Empresa de Desarrollo Urbano.

HOLSA - Holding Olímpico Sociedade Anônima.

MIB - Melhoramentos Integrais de Bairros.

PUI - Projetos Urbanos Integrados.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO.....	11
2.1 PLANEJAMENTO URBANO: TEORIAS E CONCEITOS	11
2.2 PRINCÍPIOS E DEFINIÇÕES DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO.....	14
2.4 A CIDADE DE BARCELONA: CONTEXTO HISTÓRICO	23
2.4.1 O Planejamento de Ildefonso Cerdá.....	28
2.4.2 O Planejamento de 1992.....	34
2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO	41
3 ABORDAGENS.....	42
3.1 O CASO DE PARIS – PLANO HAUSSMANN.....	42
3.2 PLANO AGACHE - RIO DE JANEIRO.....	45
3.3 MEDELLÍN – COLÔMBIA	47
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Inserido no grupo de pesquisa “Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional”, o assunto que esta pesquisa abordará, será referente ao planejamento urbano, uma vez que, tal grupo de pesquisa é caracterizado por abranger a temática da cidade e seu planejamento, contando com dados históricos das cidades, com o desenvolvimento do espaço urbano e dos grupos humanos incorporados nesse espaço. Dessa maneira, o tema abordado corresponde ao planejamento estratégico da cidade de Barcelona/ES correlacionado a um fato de acupuntura urbana.

Segundo Lima Junior (2010, p.185), o emergir do planejamento estratégico de cidades, instituiu transformações considerativas na vida social. A grandeza concomitantemente empresarial e acadêmica quanto a prática e intelectual, das modificações que este modelo acarretou ao planejamento urbano, atribuíram propriedades para análise dos artifícios de construção do mundo globalizado.

Abordando esta temática, evidencia-se a relevância da realização deste trabalho, haja que, pode ser justificado no domínio social, por gerar contribuições para a construção de um bem comum, proporcionando com isso, subsídios sobre o valor do planejamento urbano, uma vez que, é intrínseco o vínculo existente entre a sociedade e a cidade.

Já no campo acadêmico e científico, o projeto se define, por oferecer informações, juntamente com o design de desencadear novas discussões e abordagens sobre o tema. No que diz respeito ao âmbito profissional, o intuito é de apresentar uma nova visão sobre a importância de um bom planejamento e como isso pode transformar uma sociedade, visto que, segundo Dias (2009, p.20) “Através do planejamento estratégico, gestores municipais têm condições de saber onde o município estava; onde quer chegar; como chegar.”

Diante disso, o problema estimulador da pesquisa sintetiza-se pela seguinte indagação: De que forma o planejamento estratégico da cidade de Barcelona/ES pode ser considerado como um pleno exercício de caso de acupuntura urbana? Para essa problemática, partiu-se da hipótese inicial em que: A cidade de Barcelona/ES, em seu planejamento estratégico, implica – se em um íntegro caso de acupuntura urbana.

De tal modo, o objetivo geral do trabalho é compreender a relação, influência e contraposições que o planejamento estratégico realizado em Barcelona/ES teve sobre a cidade, possibilitando a proposição de um caso de acupuntura urbana. Portanto, para atingir tal objetivo, de modo mais específico foi elencado os seguintes artifícios:

- Definir e compreender os conceitos de planejamento urbano e planejamento estratégico, juntamente com suas importâncias;
- Abranger a história, percursos e limitações que a cidade de Barcelona/ES teve sobre a formulação do plano;
- Analisar como o planejamento estratégico foi inserido sob a cidade de Barcelona/ES;
- Compreender o termo acupuntura urbana e como pode ser relacionada com a cidade estudada;
- Propor, dentre os resultados alcançados, a viabilidade de um apropriado planejamento urbano a outras cidades.

Assim, fazendo com que a pesquisa se desdobre sobre o planejamento estratégico, que segundo Vainer (2000, p.76) é oriundo e inspirado pelo planejamento de empresa, o qual é acatado para as cidades, uma vez que, elas estão sob as mesmas circunstâncias e desafios que as empresas, com isso, acarretando um novo enfoque para o planejamento urbano.

Nesse sentido, Güell (2006, p.55) se refere ao planejamento estratégico de cidades como um processo sistemático, criativo e participativo, o qual forma alicerces para uma atuação integrada a longo prazo, que demarca o padrão futuro de desenvolvimento, estabelecendo táticas e linhas de ação para atingir tal padrão, e ainda determina um sistema contínuo de tomada de decisões, que envolve agentes locais de todo o processo.¹

Para Lerner (2003, p.07), o planejamento urbano pode ser visto como um meio de revitalizar uma área ou um ponto, uma vez que, o arquiteto compara a cidade a organismos doentes, acreditando que algumas técnicas da medicina, como a acupuntura urbana, devem e podem ser aplicadas ao urbanismo. As cidades também precisam reagir, podendo melhorar com o efeito de pequenas atitudes e/ou planejamentos, como uma simples picada de agulha.

Para isso, neste trabalho, a metodologia aplicada será a dialética, a qual, segundo Gil (2008, p.14), tem por objetivo prover apoios para uma acepção dinâmica e total da realidade, uma vez que, esta metodologia estabelece ainda que, os fatos sociais não podem ser compreendidos quando considerados isoladamente. Marconi e Lakatos (2003, p.101), já

¹ Em tradução livre do autor. Texto original: “La planificación estratégica de ciudades es un proceso sistemático, creativo y participativo que sienta las bases de una actuación integrada a largo plazo, que define el modelo futuro de desarrollo, que formula estrategias y cursos de acción para alcanzar dicho modelo, que establece un sistema continuo de toma de decisiones y que involucra a los agentes locales a lo largo de todo el proceso” (GÜELL, 2006, p.55).

defendem que para o método dialético, um segmento de pesquisa encontra-se sempre em desenvolvimento, sendo que o determinado fim desse processo, pode ser o começo de outro.

Na pesquisa também será utilizado o método de Estudo de Caso, que segundo Yin (2001, p.32) é um fato que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de sua totalidade, principalmente quando os limites destes fenômenos e seu contexto não são visivelmente marcantes. Gil (2008, p.58), também defende que estudo de caso é uma pesquisa com diferentes propósitos, sendo eles: explorar circunstâncias da vida real, nas quais os limites não estão visivelmente definidos; apresentar a situação do contexto em que está sendo realizada determina averiguação e por último, explicar os inúmeros motivos de determinado acontecimento em situações muito complexas que não permitem a utilização de levantamentos e experimentos.

Também para o estudo foi realizada uma Revisão Bibliográfica. Sendo que, para Marconi e Lakatos (2003, p.158), a revisão bibliográfica incide em um resumo de dados sobre os principais trabalhos de maior mérito ou influência já elaborados, os quais serão capazes de fornecer informações imprescindíveis relacionadas ao tema. Já segundo Gil (2008, p.50), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica pode ser definida pelo fato de possibilitar ao pesquisador uma maior abrangência de dados do que poderia ser pesquisado diretamente.

Com isso, a pesquisa bibliográfica não é exclusivamente uma reprodução do que já foi efetuado sobre algum assunto, e sim um apoio ou referência, para novas análises, assim, por conseguinte, obtêm-se descobertas e elaboração de conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.163).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

Objetiva-se nesse capítulo contemplar a base teórica do trabalho, a qual contribui diretamente sob a compreensão da pesquisa e sob o alcance dos objetivos elencados. Sendo nesse capítulo que se se desdobra os conceitos e teorias do planejamento urbano e estratégico; os fundamentos da acupuntura urbana; a história da cidade de Barcelona/ES; e os respectivos planejamentos urbanos que a cidade apresenta e que serão utilizados para este trabalho, sendo eles o Plano Cerdà e o Planejamento advindo das Olimpíadas de 1992.

2.1 PLANEJAMENTO URBANO: TEORIAS E CONCEITOS

As primeiras aparições de cidades nasceram quando o homem começou a dominar a natureza a seu favor, passando assim, a ocupar um território. Dessa maneira, a cidade se torna local de cultivo e moradia, e com a produção de excedentes inicia-se um mercado de trocas e comercializações (CASSILHA; CASSILHA, 2009, p.17). Nesse período as cidades tinham pouca importância e eram bem isoladas uma das outras, possuíam grande fortaleza, devido a possibilidade de invasões, e eram consideradas apenas como um meio de intermediar os produtos entre mercado interno e externo (RIBEIRO, 2012, p.73).

Entretanto, Lamas (2000, p.111) se refere que “A cidade, como qualquer organismo vivo, encontra – se em continua modificação”, visto que, elas se formam como prática humana e devido a um extenso processo histórico, vão se desenvolvendo, resultando assim, em assentamentos urbanos com diversas características, funções e formas (SANTOS, 2014, p.01). Tal cidade, para Lynch (1980, p.103) é um arranjo variável com diversas finalidades, sendo um aglomerado de funções, a qual se transforma de um modo relativamente acelerado.

Nesse sentido, concomitante ao desenvolvimento das cidades, a manifestação urbana tem sua concepção ainda nos primeiros adventos da fixação do homem em um local, se desenvolvendo juntamente com a evolução das técnicas (SANTOS, 2014, p.01). Contudo, apesar do simultâneo processo, o aparecimento urbano, só eclode expressivamente a partir da metade do século XIX, o que pode ser caracterizado um fenômeno tipicamente moderno (SILVA, 2010, p.20).

É nesse contexto, que segundo Lefebvre (2001, p.09) para manifestar e exibir a problemática urbana, coloca-se como objeto de partida, o processo de industrialização, uma vez que tal procedimento é, a mais de um século, o causador das modificações da sociedade.

Ademais, as cidades estão sempre em movimento, visto que vão acendendo e se transformando devido as ações da sociedade. Podendo se dizer assim, que foi a revolução industrial² que marcou diretamente o desenvolvimento das cidades (CASSILHA; CASSILHA, 2009).

Analogamente, a partir da indagação da cidade industrial e da própria sociedade capitalista moderna, que frente a situação tecnológica e cultural, gerada nos países desenvolvidos, fomenta-se uma nova área de estudo e pesquisa denominada de urbanismo (MONTE-MÓR, 2007, p.72). Assim, inicia-se um novo estudo que se exhibe como uma ciência e uma presunção da cidade, diferenciando – se das teorias antecedentes pelo seu caráter meditativo e terminante, e pela sua ambição científica (HAROUEL, 2004, p.07). Com isso, conforme Del Rio (1990, p.52) “O urbanismo trataria dos ambientes urbanos, a cidade, como um todo e das políticas e programa a ela aplicáveis, políticas, sociais, econômicas, espaciais e setoriais”.

Ildefonso Cerdá é estimado como o inventor da palavra urbanismo e também o pioneiro desse estudo como ciência. Sendo que, em 1867 ele cria a Teoria Geral da Urbanização, a qual firma um passo primordial na história dos conceitos referentes ao meio ambiente e ao planejamento urbano (SOUZA, 1988, p.53). É apenas no começo do século XX, que o designo “urbanismo” começa a ser compreendido como uma ciência dos fenômenos urbanos, nascendo dessa forma, da especificação tanto teórica como prática das questões urbanas, e posteriormente se modificando de pensamento especulativo utópico para uma atividade profissional (OLIVEIRA FILHO, 2009, p.33).

Todavia, o urbanismo, inicialmente, era visto como arte de adornar a cidade. Porém, esta concepção progride e se concebe como uma ciência, uma técnica e uma arte ao mesmo tempo, tendo como desígnio o arranjo do espaço urbano, visando o bem-estar geral, por meio de uma legislação e de um planejamento. Dessa forma, para conseguir esses objetivos, o urbanismo comanda e impõe preceitos de desenvolvimento, de funcionalidade, de conforto e de estética da cidade, e planeja suas contiguidades, racionalizando o uso do solo, determinando o traçado urbano, organizando o sistema viário e dirigindo as construções que vão compor as cidades (SILVA, 2010).

Concomitantemente, é nesse mesmo contexto que o planejamento urbano se edifica como ferramenta essencial do urbanismo, tomando como principais instrumentos o plano e o

² Realizada no Século XVIII na Inglaterra, a Revolução Industrial é um ponto emblemático na história da humanidade, visto que mudou completamente o processo produtivo, sendo a grande precursora do capitalismo (CAVALCANTE; SILVA, 2011).

zoneamento, os quais são responsáveis pela arrumação e ocupação do solo (OLIVEIRA FILHO, 2009, p.36). Da mesma forma, Barifouse (2013, p.147) afirma que “O termo “planejamento urbano” já evoca *de per si* pretensões de ordenamento”, uma vez que ambos, primeiramente o urbanismo e depois o planejamento urbano, nascem com o designo fundamental de estabelecer e organizar uma assimilação estável e harmônica do espaço urbano (RIZZO, 1993, p.33).

Silva (2004, p.21) explica que a diferença entre os termos planejamento urbano e urbanismo estão pertinentes as distintas intervenções que dominam a base desses conhecimentos, visto que, o planejamento urbano é mais vasto que o urbanismo, pois se expande em um âmbito já existente e sazonado pelos procedimentos de interferência do Estado sobre as cidades.

O planejamento urbano então, nasce da precisão de saber se relacionar com a rápida urbanização que se vivia, que em meio a outros diversos problemas, originou uma desordenada ocupação dos territórios urbanos (JORDÃO FILHO; OLIVEIRA, 2013, p.57). Com isso, desde sua primeira manifestação, o planejamento urbano, vem acarretando novas explanações sobre seu conceito. Primeiramente, a teoria foi reconhecida como metodologia de uma política higienista, posteriormente como forma de disseminar o urbanismo tecnocrático³ modernista. No entanto, ela surge como uma ferramenta de política para defrontar as modificações sociais, econômicas e políticas que foram provenientes da incidência da sociedade de base urbano-industrial (SANTOS, 2012, p.93).

Diante disso, em sua acepção mais pura, o planejamento, pode ser entendido como um comportamento e interferência do Estado sobre a cidade; uma vez que, o planejamento urbano é exatamente a reunião de informações, as quais podem ser expressas em distintas técnicas, juntamente, com a união de procedimentos racionais que amparam a tomada de decisões, os quais, ministram e dirigem os procedimentos urbanos e desígnios pré-estabelecidos (SILVA, 2004, p.15).

Sendo assim, o planejamento urbano é uma metodologia de concepção e desenvolvimento de programas, os quais procuram aperfeiçoar a qualidade de vida da população; além disso, ainda opera os artifícios de produção, estruturação e apropriação do espaço urbano, dentro de uma área já existente ou nova, de uma determinada região (JORDÃO FILHO; OLIVEIRA, 2013, p.55). Dessa forma, conforme Ribeiro (2012, p.72) “O

³ Modelo de governo no qual se aplica métodos científicos na resolução de problemas sociais (DICIO, 2017)

planejamento urbano se propõe a coordenar a organização das cidades, de forma a garantir as melhores condições de habitabilidade possíveis para a população”.

Nesse âmbito, o planejamento é um artefato essencial para entender o arranjo e produção do espaço urbano, uma vez que ele explicita as importâncias das partes coincidentes na cidade, podendo fundamentar ou não suas ações. Paralelamente, demonstra ainda, os atos e determinações dos agentes produtores do espaço, os quais se articulam de forma conflitante e complexa (CRUZ, 2011a, p.82). Do mesmo modo, compete também, ao planejamento urbano, antever as mudanças que ocorrem na cidade, as quais podem transformar as relações econômicas, sociais e culturais (JORDÃO FILHO; OLIVEIRA, 2013, p.56).

Em suma, é por meio do planejamento urbano que são adotadas medidas para se atingir os objetivos ambicionados, visando os meios ofertados e os elementos exteriores que implicam no processo (JORDÃO FILHO; OLIVEIRA, 2013, p.56). Nesse sentido, Santos (2012, p.101) afirma que “O planejamento urbano é uma atividade que envolve visão de futuro da cidade e requer instrumentos urbanísticos, jurídicos e financeiros que permitam a ação na direção pretendida”. Sendo que, o planejamento é um método técnico e político idealizado para um andamento futuro, o qual, deve ser entendido como uma ação inteligente dedicada a prática, porém abrangendo consecutivamente uma teoria (SILVA, 2004, p.28).

2.2 PRINCIPIOS E DEFINIÇÕES DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Cada vez mais, as cidades estão se tornando grandes protagonistas, tanto no âmbito político e econômico, como no âmbito social, cultural e também quanto aos meios de comunicação, podendo se dizer assim, que as cidades são peças sociais complexas de inúmeras dimensões (CASTELLS; BORJA, 1996, p.152). É nesse sentido que o planejamento estratégico se edifica como um meio de proferir novas uniões de elementos, os quais são imprescindíveis às cidades que almejam incorporar-se na era global (MACEDO, 2002, p.105).

Entretanto, o planejamento estratégico não é uma ferramenta que foi gerada por urbanistas ou gestores municipais, seus conceitos e instrumentos foram extraídos da prática empresarial, a qual se originou das experiências da ciência militar⁴ (GUELL, 2006, p.39).

⁴ Em tradução livre do autor. Texto original: “Ahora bien, la planificacion estratégica aplicada a las ciudades no es un processo que en puridad haya sido gestado por los urbanistas y los gestores municipales, sino que sus conceptos e intrumentos analísticos han sido extraídos, en su gran mayoría, de la practica empresarial, la cual, a su vez, se nutrió en su momento de las experiencias aportadas por la ciencia militar” (GUELL, 2006, p.39).

Embora, a partir da década de 60, o planejamento estratégico tenha surgido, no campo empresarial como uma ferramenta de conquista de mercado, foi nas décadas posteriores, que houve uma disseminação desse pensamento para além do domínio de gestão empresarial, passando a se propagar, tanto na esfera de concepções e conteúdos quanto a processos da ação, para um campo de gestão pública (DURIGUETTO, 2004/2005, p.73).

Nesse sentido, a partir das considerações de planejamentos estratégicos militar e empresarial, se dá uma nova abordagem ao termo, utilizando-o para a planificação das cidades, propendendo assim ao crescimento econômicos dos setores (OLIVEIRA FILHO, 2009, p.149). Seguindo essa perspectiva, Simplício (2000, p.02) afirma que as cidades são análogas as empresas, uma vez que, são afrontadas como órgãos que se instituem de forma complexa, já que, por meio da concretização de seus objetivos asseguram o desenvolvimento socioeconômico das populações. Nesse sentido, o Planejamento Estratégico, foi assim, no final da década de 80, um dos elementos apresentados como tática a democratização do planejamento até então conhecido (OLIVEIRA FILHO, 2009, p.149).

Sendo um dos principais segmentos do desenvolvimento e modernização das empresas, seu emprego no campo do planejamento urbano e regional, começou a ser largamente adotado (SIMPLÍCIO, 2000, p.02). Primeiramente aceito e utilizado na Europa e nos Estados Unidos, tal ferramenta é aliada ao designo de dar novas condições as cidades, fazendo delas meios atraentes de atividades econômicas, as quais caucionam desenvolvimento, rendimento, concorrência e auto sustentação; uma vez que, tais elementos são análogos aos preceitos das ações de empresas, acarretando assim, na concomitância entre a lógica do mercado e o arquétipo de planejamento e realização de ações das cidades (DURIGUETTO, 2004/2005, p.73/74).

Segundo Silva (2012a, p.282) os precursores da organização teórica do denominado planejamento estratégico foram Jordi Borja e Manuel Castells, os quais trouxeram o termo do campo empresarial para as cidades. No entanto, esse novo modelo de planejamento, foi disseminado a partir do sucesso que obteve com o caso de Barcelona/ES, o qual serviu para propaganda das políticas urbanas, haja que, eram vistas como obtentoras da competência de resolver os problemas urbanos. De tal modo, o planejamento estratégico pode assim ser entendido, pelo procedimento ou modo metódico de administrar as transformações e de instituir a determinada organização o melhor futuro (SANTOS, 2011, p.08).

Paralelamente, o conceito dessa teoria, implica a noção de constante avaliação das alterações para que, sejam estabelecidas as melhores táticas de interferência (SIMPLÍCIO,

2000, p.02). Assim, o planejamento estratégico tem como objetivo, ajudar e facilitar os responsáveis a assumir decisões, tendo o intuito de antecipar e se preparar para essas mudanças. Em vista disso, sua principal característica, é a flexibilidade, a qual permite uma acomodação necessária perante as incertezas (TERENCE, 2002). Dessa forma, pode ser visto como uma ferramenta mais maleável que o planejamento comum, uma vez que tem como estratégia selecionar apenas algumas características necessárias a serem tomadas, estimulando os agentes a ponderar o que é realmente importante (ALDAY, 2000, p.10).

Além disso, o planejamento estratégico é idealizado e desenvolvido perante os pareceres da globalização, os quais submetem as cidades a conceberem ferramentas direcionadas a aumentar sua competitividade e oferecer elas ao mercado global (DURIGUETTO, 2004/2005, p.77). Nesse âmbito, para Farias (2009, p.165), o planejamento estratégico abre portas para o progresso da qualidade de vida do meio urbano, o que também acaba incidindo em seus arredores. Nesse aspecto, se articula o planejamento estratégico como um instrumento empregado para a melhora das decisões dos gestores, visto que, tal ferramenta serve de alicerce para ponderar o desempenho futuro das organizações (PRAZERES, 2011, p.03).

2.3 ACUPUNTURA URBANA: FUNDAMENTOS E CONCEPÇÕES

A acupuntura utilizada na medicina, se denomina pela metodologia de inclusão e manipulação de agulhas em diversos pontos do corpo, as quais, são utilizadas para fins terapêuticos, tendo o intuito de aliviar a dor em determinado lugar⁵ (CASAGRANDE, 2014, p.06). Entretanto, advinda da técnica da medicina, a expressão acupuntura urbana, foi criada no campo da arquitetura e do urbanismo, com o intuito de usar o mesmo sentido que a técnica possui no campo medicinal, porém no âmbito das cidades, assim, preconizando o uso de pequenas e sinuosas intervenções, as quais transformariam o contexto urbano de maiores dimensões (FERREIRA, 2014, p.39).

Todavia, não se tem uma base sólida de quem objetivou a expressão “acupuntura urbana” pela primeira vez, haja que, existe três precursores que abordam essa teoria. Primeiramente, por meio da década de 70, o arquiteto espanhol Manuel de Solà-Morales é referido por seu conceito sobre o termo. Posteriormente, o arquiteto brasileiro Jaime Lerner, o qual aplica os princípios em seus projetos na cidade de Curitiba - capital paranaense. E por

⁵ Em tradução livre do autor. Texto original: “Acupuncture is the procedure of inserting and manipulating needles into various points on the body to relieve pain or for therapeutic purposes” (CASAGRANDE, 2014, p.06)

último, o arquiteto finlandês Marco Casagrande, o qual reafirma e reanima o conceito da teoria⁶ (HOOGDUYN, 2014, p.13). Os três arquitetos, Manuel de Solà-Morales, Jaime Lerner e Marco Casagrande, abordam a teoria da acupuntura urbana com distintas áreas de foco. Contudo, eles não deixam de possuir os mesmos objetivos uns dos outros, visto que, todos fazem uma conexão entre a acupuntura urbana por eles delimitada, com a clássica acupuntura medicinal chinesa⁷ (HOOGDUYN, 2014, p.19).

Lerner e Casagrande, fundamentam a acupuntura urbana sob uma percepção orgânica da cidade, uma vez que, baseada na antiga técnica chinesa, que consiste no corpo sendo um todo interligado, no qual existem canais que ligam para os órgãos internos, o método de cura da acupuntura incide em estimular um balanceamento de energia, para recuperar a saúde perdida de determinado lugar⁸ (CABALLERO, 2016, p.07). Na acupuntura humana, um ponto estratégico é manuseado para melhorar o corpo do paciente, da mesma maneira se ocorre nas cidades, na qual o planejador necessita saber as causas da doença da cidade, para então ser apto a definir o local a receber melhorias⁹ (GRIFONI *et al*, 2017, p.02). Nesse âmbito, Harjoko (2009, p.167), explicita que os pontos da acupuntura medicinal, se relacionam a órgãos internos humanos, assim, fazendo uma analogia as cidades, as quais semelhantes ao corpo humano possuem órgãos internos, como social e econômicos,

⁶ Em tradução livre do autor. Texto original: “It is since the last decennia that there is a frequently reference to the concept of urban acupuncture. Nevertheless there is no clear opinion about who coined the term first. In total there are three main figures who addressed the theory of urban acupuncture. Firstly in the manifesto of Frampton, the Spanish architect Manuel de Solà-Morales is cited for his concept of urban acupuncture. The projects of de Solà-Morales started around the 1970’s. Secondly, the Brazilian Jaime Lerner states that he applied urban acupuncture to his projects, as is evident by his speech at a TED conference in 2007. Thirdly, a more recent figure that has revived the concept of urban acupuncture is the Finnish architect Marco Casagrande” (HOOGDUYN, 2014, p.13).

⁷ Em tradução livre do autor. Texto original: “Lerner, de Solà-Morales and Casagrande have coined the theory of urban acupuncture with different focus areas. Despite this difference, they do not deviate a lot from each others aim; to create a higher livability by applying small scale interventions to a strategic chosen location, leading to a maximization of the effects causing possible (socially) catalytic spinoffs. Another similarity is that they all make the link between the theory of urban acupuncture with the traditional medical Chinese acupuncture” (HOOGDUYN, 2014, p.19)

⁸ Em tradução livre do autor. Texto original: “En línea con esta concepción orgánica de la ciudad, Lerner y Casagrande recurren al termino acupuntura, una técnica milenaria china que se basa en que el cuerpo es un todo interconectado donde existen canales que conectan con los órganos internos. El método de curación de la acupuntura consiste en la estimulación de unas puertas que consiguen equilibrar la energía, haciendo que desaparezca el dolor y recuperando la salud perdida” (CABALLERO, 2016, p.07)

⁹ Em tradução livre do autor. Texto original: “In human acupuncture, a precise point is manipulated in order to heal the patient’s body. Similarly, in urban design, an architect or planner should be able to determine the right location to provide enhancements to all parts of the city. To determine this location, it is important to know the causes of the city’s illness” (GRIFONI *et al*, 2017, p.02)

provocando dessa forma que os pontos da acupuntura urbana sejam identificados nos sistemas de transporte, resíduos, habitação e ambiental¹⁰.

De tal modo, pode-se definir acupuntura urbana como uma união de revitalizações e atos pontuais que podem alterar gradualmente a vida urbana. Tais intervenções auxiliam na cura de problemas no tecido urbano de forma imediata, efetiva e funcional (FERREIRA, 2014, p.39). Concomitantemente, a esta pequena intervenção é idealizada uma solução que tem por desígnio abranger um espaço mais amplo¹¹ (TALVISTE, 2010, p.28). No entanto, seu principal objetivo é curar a descontinuidade e os problemas produzidos no meio urbano¹² (CABALLERO, 2016, p.18). O termo acupuntura urbana, deve ser defrontado como uma estratégia, uma premissa, uma vez que este método, assim como outros, é um artifício, e não gera mudanças repentinas, sua metodologia é propiciar um começo, o qual se alastrará para seu entorno (FERREIRA, 2014, p.41).

Jaime Lerner como precursor do termo no Brasil, afirma em seu livro, que sempre teve essa expectativa e utopia, de que “picadas de agulha” poderiam curar e recuperar o vigor de um ponto danificado e do espaço ao seu redor (LERNER, 2011, p.07). Como ele mesmo se refere:

Acredito que algumas “magicas ” da medicina podem, e devem, ser aplicadas às cidades, pois muitas delas estão doentes, algumas quase em estado terminal. Assim como a medicina necessita da interação entre o médico e o paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas e em cadeia. É indispensável intervir para revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira (LERNER, 2011, p.07).

Nesse âmbito, Hoogduyn (2014, p.19), explica que na técnica de acupuntura tradicional as agulhas são inseridas em locais específicos do corpo, o qual pode melhorar este ponto ou ainda um outro lugar. Entretanto, na acupuntura urbana, as intervenções, que são semelhantes as picadas, devem ser, ao contrário da medicinal, aplicadas em lugares os quais a

¹⁰ Em tradução livre do autor. Texto original: “Acupuncture points in the human body are related to human internal organs such as lung, pericardium, heart organs, large and small intestine, liver and kidney. We apply this method to a city – similar to human body – that has ‘internal organs’ such as social structure and system, economic related organs (industry, services, information etc.), residential (maintain quality offspring etc.). Therefore, urban acupuncture points could be identified as transport system, greeneries, waste, and housing” (HARJOKO, 2009, p.167).

¹¹ Em tradução livre do autor. Texto original: “The small intervention of urban acupuncture is about a solution that tries to comprehend a broader surrounding. It is like a try to make a crack into the urban silence and spread out the pointy energy” (TALVISTE, 2010, p.28).

¹² Em tradução livre do autor. Texto original: “Sin embargo, no se debe olvidar que el objetivo principal de este tipo de intervenciones es el de “curar” las discontinuidades y los problemas derivados de estas discontinuidades producidas en el tejido urbano [...]” (CABALLERO, 2016, p.18).

revitalização deve acontecer, porém, isso implica em um possível efeito catalisador, o qual decorrente dessa ‘picada’ pode melhorar outros lugares¹³. De tal forma, se bem idealizada e executada, uma reabilitação em determinado lugar, pode alterar totalmente o seu entorno (FERREIRA, 2014).

Por outro lado, o conceito do termo acupuntura urbana pode se inserir de diversas maneiras na arquitetura e urbanismo, pode representar um toque de genialidade, como foi feito em Paris com a pirâmide do Louvre, ou por questões onde se tem mais necessidade do que desejo, como o fato da Ópera de Arame em Curitiba, e ainda como recuperação da identidade de um local, como é o caso do Porto Madero em Buenos Aires (LERNER, 2011, p.08). Todavia, nem sempre a acupuntura urbana pode ser obras, as vezes ela pode ser a incorporação de novos hábitos ou costumes, os quais abrem caminho para outras modificações (LERNER, 2011, p.11).

Inúmeras cidades enfraqueceram sua vitalidade, quando, de maneira prepotente, começaram a transformar seus espaços públicos, rios, praças, ruas e parques, drasticamente¹⁴ (GRIFONI *et al*, 2017, p.02). Nesse sentido, Lerner (2011, p.13), afirma que muitas cidades precisam de uma acupuntura urbana, por esse motivo, por abandonarem sua autenticidade cultural, dessa maneira, é imprescindível que uma adequada acupuntura urbana fomente a conservação ou a salvação dessa identidade cultural. Entretanto, se deve cuidar com a invenção que se faz, pois tanto na acupuntura medicinal, bem como na urbana alguns pontos ficam quentes e favorecem o tecido, enquanto outros simplesmente apagam-se¹⁵ (CASAGRANDE, 2014, p.08).

Não obstante, Hoogduyn (2014, p.19), ao estudar sobre os três pioneiros do termo acupuntura urbana, Manuel de Solà-Morales, Jaime Lerner e Marco Casagrande, partindo de uma postura crítica, faz uma interpretação das obras e visões de cada autor, visto que, os três precursores não advertem a mesma idealização, para então elenca oito princípios que devem

¹³ Em tradução livre do autor. Texto original: “Traditional Chinese acupuncture is being carried out by placing tiny pinpricks at specific locations in the human body to reduce pain on that spot or elsewhere. In urban acupuncture the pinpricks are replaced by urban design interventions, carried out in specific chosen locations in the city, in order to provide a better livability. Contrary to the medical application, urban acupuncture is applied at the spot where the revitalization should take place. The intervention that functions as the acupunctural needle can, however, have a catalytic effect as so it can also improve the livability elsewhere in the city” (HOOGDUYN, 2014, p.19).

¹⁴ Em tradução livre do autor. Texto original: “Many cities lost the element of health (healthy cities) when they began to arbitrarily modify public spaces, rivers, streets, and town squares” (GRIFONI *et al*, 2017, p.02).

¹⁵ Em tradução livre do autor. Texto original: “Some acupuncture spots get hot and benefit the surrounding urban tissue while others fade away” (CASAGRANDE, 2014, p.08).

ser comuns no âmbito da acupuntura urbana, sendo eles: Ponto sensível, Cenário, Ato rápido, Participação, Educação, Abordagem holística, Pequena escala e Criação de lugares (Conforme fluxograma figura 1).

Figura 1 - Fluxograma Princípios da Acupuntura Urbana



Fonte: Elaborado pela autora (2017), com base em Hoogduyn (2014)

De tal modo, adotando o proposto por Hoogduyn (2014), faz-se uma descrição dos respectivos princípios:

1. Ponto Sensível: É a determinação do ponto a ser reanimado, onde se necessita de revitalização, podendo ser definido por um local onde se tem carência de energia, ou pelo confronto de muitas forças¹⁶ (HOOGDUYN, 2014, p.20). Seguindo esse aspecto, Caballero (2016, p.17) afirma, que a acupuntura urbana exerce uma ação que se compara a um planejamento tático, um micro urbanismo, de interferências particulares, as quais são minuciosamente definidos pela sua potencialidade em disseminar melhorias ao redor¹⁷.

¹⁶ Em tradução livre do autor. Texto original: "So we can speak of the sensitive point, as a point where there is a lack of energy or faced with a blockage in the energy flow" (HOOGDUYN, 2014, p.20).

¹⁷ Em tradução livre do autor. Texto original: "Desde esta perspectiva, la acupuntura urbana juega un papel de urbanismo tático, un microubanismo de intervenciones puntuales cuidadosamente elegidas por su potencial como catalizadores de la mejora general de la ciudad" (CABALLERO, 2016, p.17).

2. Cenário: Toda cidade precisa de um cenário, um local que compõe e cria o ambiente, a identidade do local (HOOGDUYN, 2014, p.20). A cidade é o cenário do encontro, o centro a partir do qual se cunham códigos de convivência (LERNER, 2011, p.57). Conforme Lerner (2011, p.41), cada cidade tem sua história, pontos e alusões, locais que competem à tradição e lembranças da cidade, que são pontos essenciais e intrínsecos a sua identidade.

3. Ato rápido: O processo de acupuntura urbana é visto como um método de rebate ao planejamento urbano delongado, visto que tem como base soluções pontuais e rápidas¹⁸ (TALVISTE, 2010, p.03). Comparando à acupuntura médica, o essencial é que a picada seja rápida, do mesmo modo na acupuntura urbana se exige uma presteza e uma concisão na intervenção (LERNER, 2011, p.95).

4. Participação: Segundo Hoogduyn (2014, p.39), a acupuntura urbana é um meio de processo de planejamento participativo, visto que, esta participação objetiva uma metodologia mais democrática¹⁹. De tal modo, os agentes de transformação urbana, não podem ser estimados somente pelos tradicionais tomadores de decisão, mas também pelas pessoas que vivem em determinado local²⁰ (HOOGDUYN, 2014, p.20). Concomitantemente, a acupuntura urbana trata as atividades urbanas e domínios que fazem a cidade trabalhar corretamente, apontando tanto seus aspectos naturais, quanto humanos e sociais, gerando atividades nos setores público, privado e popular²¹ (HARJOKO, 2009, p.172).

5. Educação: Se traduz perante duas maneiras, uma diante da necessidade de compreensão da sociedade diante das perspectivas e outra pela importância de transferir conhecimento para a sociedade, haja que, se tem uma precisão em se compreender como a sociedade se relaciona com o ambiente²² (HOOGDUYN, 2014, p.20).

¹⁸ Em tradução livre do autor. Texto original: “The method is seen as a response to the time consuming urban planning process, where the idea is to create energy with quick design solutions” (TALVISTE, 2010, p.03).

¹⁹ Em tradução livre do autor. Texto original: “Urban acupuncture is a form of a participatory planning process. The use of participation creates a more democratic process” (HOOGDUYN, 2014, p.39).

²⁰ Em tradução livre do autor. Texto original: “The agents of transformation are not merely the traditional decision makers anymore, but also the people themselves” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

²¹ Em tradução livre do autor. Texto original: “Urban acupuncture addresses the urban activities or sectors that make the city functioning properly in terms of much broader sense. It should address both ecology of the city – its natural as well as human aspects. The acupuncture points will engender urban activities of the public, private and popular sectors” (HARJOKO, 2009, p.172).

²² Em tradução livre do autor. Texto original: “The principle of educating works in two ways. Not only is there a need for the understanding of the society’s perspectives, it is also important to transfer knowledge towards the society” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

6. Abordagem holística: É um princípio característico da acupuntura urbana, pois tal teoria diverge do planejamento convencional. Assim, essa expressão é caracterizada por ser um problema que não deve ser tratado por uma solução habitual, e sim, por propostas criativas, sendo uma tarefa que não compete apenas a urbanistas ou planejadores, e sim a toda a população, fazendo com que, juntamente com a participação dos cidadãos, seja estabelecida essa abordagem holística²³ (HOOGDUYN, 2014, p.20).

7. Pequena escala: A relação de pequena amplitude é uma característica acentuada das operações de acupuntura, visto que, nem sempre grandes mudanças são válidas, as vezes podem ser irrelevantes²⁴ (HOOGDUYN, 2014, p.20). Dessa forma, visto sua dinâmica de projeto, a acupuntura urbana é direcionada para intervenções táticas e de pequena escala, propendendo aos efeitos alastradores que tal transformações pode acarretar. Embora, seja em pequeno grau, produz um desenvolvimento ecológico e social em ampla abrangência²⁵ (CASAGRANDE, 2016, p.06). Todavia, a escala não é apenas limitada ao tamanho, podendo ser também referente a questão financeira de gastos com as revitalizações²⁶ (HOOGDUYN, 2014, p.20).

8. Criação de lugares: A definição de acupuntura urbana é sobre reconsiderar lugares, sendo que o conhecimento da definição de um determinado local, emerge em meio a essa estratégia de planejamento, uma vez que projetos de acupuntura urbana visam criar, readequar ou habilitar lugares expressivos²⁷ (HOOGDUYN, 2014, p.20).

Nessa conformidade, Hoogduyn (2014, p.05), ainda faz uma analogia entre os princípios da acupuntura urbana com uma rosa, na qual as pétalas da flor representam estes elementos, visto que as folhas são subsídios em que consiste a rosa, da mesma maneira em que os princípios são os elementos em que consiste a acupuntura urbana. Entretanto, nem

²³ Em tradução livre do autor. Texto original: “This principle is distinctive for the approach of urban acupuncture, as it shifts away from conventional planning processes. No longer does a problem get treated by a casual solution, but instead it uses creative responses to the challenges of revitalization. This task for revitalization does not remain to the vision of architects or urban planners, urban designers or artists” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

²⁴ Em tradução livre do autor. Texto original: “Therefore big physical changes might encompass projects that are irrelevant. With small pinpricks, urban acupuncture aims for a big impact” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

²⁵ Em tradução livre do autor. Texto original: “As a design methodology, it is focused on tactical, small-scale interventions on the urban fabric, aiming in ripple effects and transformation on the larger urban organism. [...] Urban Acupuncture produces small-scale, but ecologically and socially catalytic development on the built human environment” (CASAGRANDE, 2016, p.06).

²⁶ Em tradução livre do autor. Texto original: “Scale is not bounded to size either, as it can also refer to financial input” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

²⁷ Em tradução livre do autor. Texto original: “Urban acupuncture is about reassess places. The awareness of the meaning of a place has emerged within this contemporary planning strategy. Projects involving urban acupuncture create meaningful places” (HOOGDUYN, 2014, p.20).

todos as pétalas são necessárias para que ela permaneça uma rosa, mas ainda assim, é considerada como uma. Tal flor, é vista como nascente das rachaduras do concreto, onde o concreto é estimado por ser o ambiente urbano, este que tem defeitos e pontos sensíveis, no qual suas fissuras significam as áreas problemáticas as quais tem potenciais. Mesmo pequena, a rosa pode criar um grande impacto sobre as pessoas, o mesmo que acontece com a acupuntura urbana, quanto melhor a aparência de suas folhas, maior as mudanças em que proporciona.²⁸

No mesmo sentido, se pode observar que as pétalas das rosas se sobrepõem, da mesma maneira em que os princípios da acupuntura sofrem grande influência uns dos outros, quando as folhas se desdobram, a rosa fica melhor, semelhantemente quanto melhor a elaboração dos princípios, melhor a intervenção. Os espinhos da rosa, podem ser metáforas aos desafios, se bem observados podem ser ultrapassados. Uma rosa é temporária, porém se bem cultivada, pode ser preservada; ela leva tempo para crescer, contudo uma primeira semente deve ser semeada. Assim é a acupuntura, ela precisa ser semeada, sendo que ela não é uma solução pronta, mas sim uma tática para as intercessões²⁹ (HOOGDUYN, 2014, p.05).

2.4 A CIDADE DE BARCELONA: CONTEXTO HISTÓRICO

Situada no norte da Espanha, fazendo fronteira com a província de Tarragona a sudoeste, Girona a nordeste, Lérida a noroeste e a sudeste com o mar Mediterrâneo (CRUZ, 2011b, p.04), Barcelona/ES, foi fundada como uma colônia romana no século V a.C.,³⁰

²⁸ Em tradução livre do autor. Texto original: “A metaphor with a rose can be made. The leaves of the rose represent the principles or urban acupuncture. The leaves are the elements where the rose consists out of. Not every principle is needed in order to stay a rose. On the other hand, more principles might be present but it is still considered to be a rose. A rose that grows from the cracks in the concrete. The concrete is our urban environment, which is the urban skin. This urban skin has it flaws and sensitive points. These are the cracks which represents the potential areas and problem areas within this urban skin. Even though the rose might be small, it can create a huge impact on a person. This is the social impact that urban acupuncture is aiming for. The impact starts at a small area but can have a ripple effect if implemented in a good way. The better the looks of the leaves, the bigger the change on a great impact” (HOOGDUYN, 2014, p.05).

²⁹ Em tradução livre do autor. Texto original: “The leaves of the rose are overlapping, just like the principles have a great influence on each other. If the leaves of the rose unfold, the rose looks better. The better the elaboration of the principles, the better the intervention. A rose has thorns, which can be tedious. One must prevent himself not to get stung. If one is aware of the thorns, they can be removed. The same is also true for urban acupuncture, at which challenges come along. Provided that these challenges are kept in mind, they can be overcome. A rose is temporary but can be preserved if taken care of. The rose takes time to grow, but a first seed needs to be planted. This is the (quick) act that urban acupuncture asks for. We need to start seeding now” (HOOGDUYN, 2014, p.05).

³⁰ Em tradução livre do autor. Texto original: “Founded as a Roman colony in the fifth century B.C. [...]” (CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795).

(CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795) sendo considerada uma cidade relativamente pequena, é delimitada por dois rios e pelo Mar Mediterrâneo (MUXI, 2010, p.105).

Figura 2 - Mapa de localização da cidade de Barcelona/ES



Fonte: Elaborado e adaptado pela autora (2017) – Google Maps (2017)

Possuindo mais de 2 mil anos de história, e por nunca ter sido capital de uma monarquia ou estado respeitado, Barcelona/ES é considerada uma cidade provinciana e marginal (NARCISO, 2008, p.75). Diante de sua história, já foi governada pelos visigodos e por um pequeno período pertencida a Córdoba³¹ (WALKER; PORRAZ, 2003, p.02), em outro momento, expulsou invasores árabes de seu território, se consolidando assim, uma das mais poderosas forças marítimas no Mediterrâneo durante a Idade Média³² (CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795). No entanto, foi ao final do século IX, que Barcelona/ES se torna sede

³¹ Em tradução livre do autor. Texto original: “It was later ruled by the Visigoths, and subsequently came to form, for a short time, part of the Moorish Caliphate of Cordoba” (WALKER; PORRAZ, 2003, p.02).

³² Em tradução livre do autor. Texto original: “[...]Barcelona was able to quickly push out the Arab invaders from its territory in the eleventh century, becoming one of the most powerful maritime forces in the Mediterranean during the Middle Ages” (CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795).

e posteriormente capital do Reino da Catalunha e Aragón³³ (WALKER; PORRAZ, 2003, p.02).

Durante todo o século XVIII, o poder dominante era do exército espanhol, o qual foi responsável por inúmeras mudanças radicais na estrutura da cidade³⁴ (SCHÖNHERR, 2012, p.65). Barcelona/ES era caracterizada por uma muralha que circundava toda a cidade, a qual foi edificada no século XV, tal muralha separava o centro urbano de uma zona utilizada para fins agrícolas³⁵ (SCHÖNHERR, 2012, p.63). Entretanto, por todos os terrenos exteriores a muralha serem de propriedade militar, anteparavam assim, que novas indústrias se alojassem em torno dessas muralhas, sendo inteiramente proibido construir qualquer edificação nesse espaço, visto que era destinado excepcionalmente a uso agrícola. Nesse âmbito, as indústrias e consequentemente a expansão demográfica se formaram em municípios autônomos (NARCISO, 2008, p.76). Surgindo assim, a maior contradição da acepção de Barcelona/ES, a qual fez uma cidade mediterrânea crescer e se desenvolver voltada para o interior do território e de costas para o mar (SALES, 1999, p.214).

Concomitantemente, a necessidade de comunicação entre esses territórios e as pessoas, era muito expressiva, o que acarretou em uma série de novas vias, as quais interligavam a cidade entre as muralhas, com essas zonas industriais que se formaram (NARCISO, 2008, p.76). Contudo, em meados do século XIX, Madri deu permissão para se derrubar os muros que rodeavam a cidade, haja que, a muralha deixou de ser considerada necessária para a defesa³⁶ (CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795).

Embora, o advento da muralha tenha sido de suma importância para a cidade, desde a Idade Média até o começo do século XVII, a composição estrutural básica de Barcelona/ES, se conservou predominantemente constante³⁷ (SCHÖNHERR, 2012, p.63). Sendo assim, só em 1984, em decorrência de um processo de descentralização, a cidade se divide em dez

³³ Em tradução livre do autor. Texto original: “After the Christian conquest in the late 9th century, it became the seat of the counts of Barcelona, and subsequently the capital of the Kingdom of Catalonia and Aragón” (WALKER; PORRAZ, 2003, p.02).

³⁴ Em tradução livre do autor. Texto original: “In Barcelona, the Spanish Army was the dominant power throughout the whole of the 18th century and was responsible also for the radical changes in the city structure, which Barcelona experienced during this century” (SCHÖNHERR, 2012, p.65).

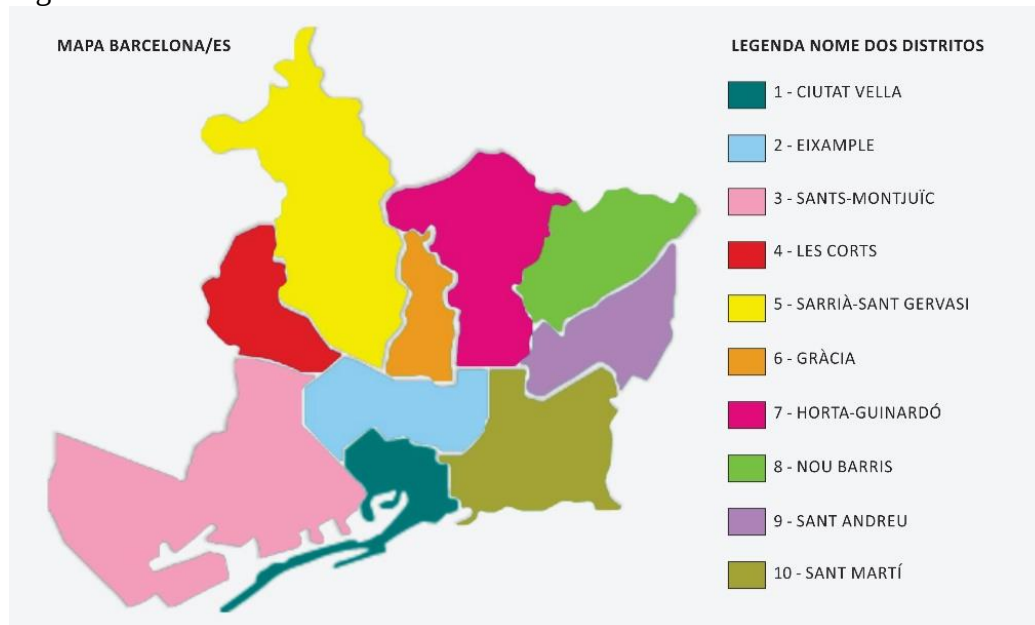
³⁵ Em tradução livre do autor. Texto original: “The city’s main features comprised the outer city wall (which surrounded the whole city and was completed in the 15th century) and the inner city wall, which separated the densely populated real city centre from an area called the Raval, used mainly for agricultural purposes” (SCHÖNHERR, 2012, p.63).

³⁶ Em tradução livre do autor. Texto original: “In the midnineteenth century, Madrid gave permission to tear down the walls that encircled Barcelona, no longer considered necessary for defense purposes—a process that was repeated in countless other European cities” (CALAVISTA; FERRER, 2000, p.795).

³⁷ Em tradução livre do autor. Texto original: “From the Middle Ages and up to the beginning of the 18th century, Barcelona’s basic urban structure remained more or less constant” (SCHÖNHERR, 2012, p.63).

distritos (figura 3), os quais tem autonomia e competência própria de decisão e gestão econômica, sendo administrados por um conselho municipal que ordena a direção dos serviços e bens coletivos (PASQUOTTO, 2015, p.03).

Figura 3 - Divisão dos distritos de Barcelona/ES



Fonte: Ajuntament de Barcelona (2017) – Elaborado e adaptado pela autora (2017)

Sendo uma cidade portuária do Mediterrâneo, a qual durante séculos foi o principal porto de um amplo império comercial, Barcelona/ES é a segunda maior cidade da Espanha, ficando apenas atrás da capital Madri³⁸ (WALKER; PORRAZ, 2003, p.01/02). Segundo Muxi (2010, p.105), a cidade, em seu território, é considerada como um quadrado, tendo em média 10 km por 10 km, nessa área contendo mais ou menos 1,6 milhões de habitantes de acordo com censo de 2009. Dessa maneira, a cidade é bem densa, possuindo cerca de 15.872 hab/km², ressaltando que 10,5% de seu território é verde urbano e 17,6% de seu solo é verde florestal.

De acordo com Sales (1999, p.214), Barcelona/ES em sua trajetória, já intercalou momentos de amplo desenvolvimento, com vastos ciclos de marasmo e dificuldades políticas. Fazendo com que uma de suas características mais evidentes ao longo do tempo, tenha sido

³⁸ Em tradução livre do autor. Texto original: “For centuries it was the central port in an extensive Mediterranean trading empire” (WALKER; PORRAZ, 2003, p.02). “Barcelona is a Mediterranean port city. The capital of the Autonomous Region of Catalonia, it is the second largest city in Spain after Madrid [...]” (WALKER; PORRAZ, 2003, p.01).

essa desenvoltura em se habituar as alterações e conjunturas políticas e econômicas³⁹ (KNEPER, 2014, p.14). Entretanto, apesar desses contratempos, a cidade firmou sua identidade, valores e aspirações por meio de uma consciência urbana edificada internamente, a qual é renovada sucessivamente no decorrer do seu processo histórico, perante as modificações em que a cidade viveu (SALES, 1999, p.214). Por outro lado, diante da sua história contemporânea, e das progressivas mudanças da forma urbana, em relação a identidade e imagem da cidade, Barcelona/ES se torna uma das mais importantes cidades do mundo, sob seus valores estéticos, ambientais, psicológicos, naturais, culturais e sociais e pela grande qualidade de vida que proporciona aos seus habitantes⁴⁰ (SÜRER, 2016, p.449).

No mesmo sentido, a imagem de Barcelona/ES, pode ser analisada diante do seu contexto de espaço público, haja que, desde a década de 1980 é um dos principais artefatos do desenvolvimento urbano da cidade. Sendo que, a configuração de um espaço público é imprescindível por definir o conteúdo político de uma cidade, sendo capaz de refletir seu passado, determinando seu presente e futuro⁴¹ (SÜRER, 2016, p.446).

Por outro lado, o advento da revolução industrial (século XVIII), trouxe diversificadas funções, usos e estruturas para a cidade, fazendo com que a concepção de urbanismo tome novos rumos e o conceito de espaço público se regenere. A arquitetura também se altera, dando início a um amplo e concentrado processo de densificação e verticalização (NARCISO, 2008, p.77). Com isso, popularmente a imagem internacional da cidade de Barcelona/ES, se associa a existência de um modelo inovador, que ficou reconhecido como “Modelo Barcelona”. Tal modelo, não apenas expressa temas primordiais ao planejamento urbano, como as políticas públicas ou as novas estratégias econômicas, mas do mesmo modo também menciona a inclusão social, cultura urbana e participação cidadã (QUEIRÓS, 2010, p.07).

Nesses parâmetros, no decorrer de sua história, Barcelona/ES passa por muitos estágios de transformações urbanas, dando ênfase ao plano de Cerdà para a expansão da cidade, e posteriormente em 1922, quando a cidade passa por um denso processo de

³⁹ Em tradução livre do autor. Texto original: “One of the most remarkable features of Barcelona throughout history has been its highly developed ability to adapt to changing political and economic circumstances” (KNEPER, 2014, p.14).

⁴⁰ Em tradução livre do autor. Texto original: “As seen from its contemporary history, in constantly changing urban anthropology, within terms of the image and identity of the city, natural, aesthetic, environmental, hygienic, psychological, social and cultural values, Barcelona has become one of the prominent cities in the world by the quality of life it provides to its habitants” (SÜRER, 2016, p.449).

⁴¹ Em tradução livre do autor. Texto original: “The form of a public space is important as it defines the political contents of a city, reflecting its past and present, and the future of a city always has its roots in its past”. “The image of the city of Barcelona can be examined within the context of public space since it has been one of the main components of its urban development especially as from 1980s, by contribution of important urban actors [...]” (SÜRER, 2016, p.446).

renovação urbana, adotado para os Jogos Olímpicos⁴² (SÜRER, 2016, p.447). Assim, tais Planos serão abordados com maior ênfase no decorrer do trabalho.

2.4.1 O Planejamento de Ildefonso Cerdà

Por volta do século XIX, após a destruição da muralha que circundava a cidade de Barcelona/ES, o forte crescimento econômico e cultural fomentou a efetivação de um plano de expansão, o qual concentrou e ordenou as energias econômicas, sociais e demográficas. Com isso, entre diversas propostas expostas por outros profissionais, o engenheiro Ildefonso Cerdà acaba sendo o designado, pelo então rei da época, a executar um plano de expansão para a cidade de Barcelona/ES (LAMAS, 2000, p.216). Nesse contexto, Cerdà foi um dos pensadores urbanos que se defrontou com a precisão de arquitetar a ampliação de uma cidade, na qual sua malha territorial era limitada ao centro histórico e a dispersos povoados (LEOTE, 2015, p.18).

Nessa conformidade, sendo aprovado em 1859, o denominado Plano Cerdà, é atribuído com domínio a cidade, e alcança larga organização e expansão até o início do século XX (LAMAS, 2000, p.216). Cerdà elabora um plano de planejamento urbano formidável, com uma visão artilosa e com avanços incomparáveis para a época, sendo estimado assim, como a fundamental obra de Ildefonso Cerdà (NARCISO, 2008, p.78). Com isso, tanto o termo Eixample em catalão quando o termo Ensanche em Castelhana, significam ampliação, sendo as duas adjacências utilizadas para se remeter ao plano de Cerdà para Barcelona/ES (LEOTE, 2015, p.18).

Anteriormente a elaboração do projeto para Barcelona/ES, Cerdà tinha estudado as circunstâncias da qualidade de vida e também de insalubridade e carência de higiene dos habitantes da cidade, principalmente das classes trabalhadoras. Com isso, Ildefonso Cerdà escreve três volumes, compreendendo um estudo sobre as condições de vida na cidade e sobre as cidades fundadas e projetadas, sendo o último dessa tríade, o projeto do Ensanche, com isso, tal projeto, faz parte do primeiro tratado de urbanismo moderno (MUXI, 2010, p.105). Assim, Cerdà tinha dois elementos fundamentais para a atuação e elaboração do projeto, os

⁴² Em tradução livre do autor. Texto original: “Throughout its history, Barcelona has gone through different stages of urban transformation. Starting from Cerdà’s plan for a new expansion of the city in the mid 19th century, Eixample, the urban fabric of the city transformed by political, economical or cultural [...] the city has experienced a profound process of urban renewal, followed by the 1992 Olympic Games (Jocs Olímpics de la XXV Olimpíada) [...]” (SÜRER, 2016, p.446).

quais são considerados imprescindíveis, que são: a circulação e o higienismo (LEOTE, 2015, p.27). Distinguindo dessa forma, duas dificuldades, sendo: o aparelhamento da ampla expansão - o ensanche, e a verificação sobre a quadricula e do quarteirão (LAMAS, 2000, p.216).

Além disso, devido as circunstâncias na qual o poder dominante era do exército, o plano do Ensanche para Barcelona foi praticamente elaborado sob um território quase não edificado, o qual obtinha apenas um traçado simples de vias, algumas casas de campos e fabricas na região externa a muralha. (Figura 4). Diante disso, Cerdà pretendia com o Ensanche, atingir uma cidade homogênea e moderna, com direitos civis e sem hierarquias (MUXI, 2010, p.105/106), e também, a concomitante idealização de uma cidade higiênica e funcional, a qual ambiciona, perante o uso do espaço urbano, ser igualitária entre seus habitantes, cidadãos e automóveis, assim, essas aspirações são com certeza a herança mais respeitável e admirável que o projeto de Barcelona/ES deixou no século XIX (LEOTE, 2015, p.27).

Figura 4 - Sobreposição da área agrícola sobre o plano urbano de Cerdà (1859)



Fonte: Leote (2015).

Completando a Teoria Geral da Urbanização, na qual Cerdà exhibe sua metodologia, pensamento urbanístico e apreensões no modo sociológico, o engenheiro é visto como o primeiro urbanista no sentido moderno da denominação, visto que consegue organizar as

perspectivas físicas e espaciais, com anseios sociológicos, funcionais, econômicos e administrativos, sendo tais aspectos abordados pela primeira vez perante a cidade como um organismo complexo e integrador de vários sistemas (LAMAS, 2000, p.216).

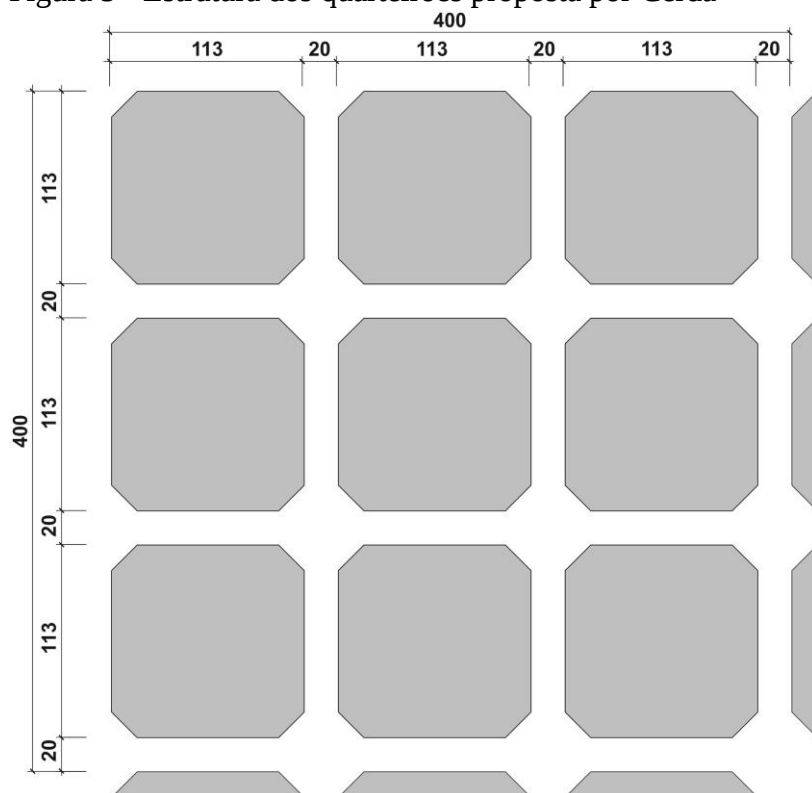
Nessa configuração, o plano do Ensanche para Barcelona/ES tinha como principal objetivo ampliar a área total da cidade, admitindo que sua expansão se desse para além dos limites da antiga muralha que cercava a cidade, uma vez que havia aumentado excessivamente a densidade da cidade, cunhando problemas de comunicação entre os lados. Também, devido a dispersa malha urbana que existia no centro histórico da cidade, visava prover uma opção mais ordenada das ruas e bairros (NARCISO, 2008, p.78). Cerdà também idealizava uma cidade sem hierarquia, que pudesse ser desdobrada ilimitadamente, com alicerce na certeza e tecnologia, e ao mesmo tempo que tivesse ao menos duas opções de circulação (MUXI, 2010, p.106).

Diante desses parâmetros, Cerdà propõem uma configuração para Barcelona/ES que é elaborada por grandes blocos, os quais ele denomina de manzanas, e por espaços verdes abertos no interior desses blocos, denominados por *pati*⁴³ (SÜRER, 2016, p.447). Narciso (2008, p.78) explica que “A base do plano é um sistema de vias e bairros que se poderia estender indefinidamente, à medida que a cidade fosse crescendo”. Ainda, Cerdà intitula que os bairros sejam octogonais, o que segundo ele integra melhor os edifícios com as vias, assim, ele parte do plano de um quadro, retira os vértices, formando um octógono, denominando assim, as esquinas em chanfros (LEOTE, 2015, p.29).

Lamas (2000, p.216) explica que a base do projeto se dava por “uma grelha ortogonal, com módulos ou bairros de 113 metros de lado e vias de 20 metros de perfil, de tal modo que cada conjunto de nove bairros e vias correspondentes se inscrevem num quadrado de 400 metros de lado” (Figura 5). Dessa maneira, a idealização de reunir em conjugados de nove bairros, permite uma heterogeneidade de formas e uma adequabilidade à escala local e ainda a possibilidade de ofertar uma escala humana (LEOTE, 2015, p.23).

⁴³ Em tradução livre do autor. Texto original: “Similarly, design approach of Ildefons Cerdà in Eixample, with large square blocks (*mançana*) with open garden space in the middle (*pati*), was based on urban continuity and collective usage as these inner gardens were accessible from the street” (SÜRER, 2016, p.447).

Figura 5 - Estrutura dos quarteirões proposta por Cerdà



Fonte: Desenvolvido pela autora (2017), fundamentado em Leote (2015)

Já para a circulação Cerdà visava duas alternativas, em primeiro plano as ruas, as quais serviam para a circulação dos meios de transporte, e a segunda se dava pelo interior das quadras, a qual ele discriminava ser totalmente verde, visto que idealizava as quadras fechadas em no máximo três dos seus quatro lados (MUXI, 2010, p.106). Sua proposta foi algo inigualável, Cerdà sugeria que as ruas possuíssem de 20 a 60 metros de largura, tendo como principal intuito melhorar as qualidades de vida e a mobilidade da sociedade (NARCISO, 2008, p.78). Por sua vez, a relação de reunir os quarteirões também se deve a permeabilidade do deslocamento a pé, possibilitando uma ampla densidade de fluxo da população, o que acarreta na melhor utilização e aproveitamento desses espaços públicos, conseguindo ainda, uma racionalização espacial e uma adaptação a duas escalas, a primeira referente a cidade e a outra ao bairro (LEOTE, 2015, p.23).

Segundo Muxi (2010, p.106), Cerdà ainda visava o centro da cidade com o cruzamento das três principais avenidas que ele projetou, sendo elas a “Av. Meridiana, saída para a Av. França; a Av. Diagonal, que liga a estrada de Madrid ao mar; e uma via territorial próxima, a Avenida Gran Via de les Corts Catalanes, paralela ao mar e que conecta com os pequenos povoados marítimos da planície” (Ver Figura 6). Dessa maneira, essas avenidas são

projetadas sobrepondo o plano quadriculado de quarteirões, ocorrendo com isso o surgimento de quarteirões irregulares, largos ou ainda a criação de praças (LAMAS, 2000, p.218).

Figura 6 - Mapa de Barcelona/ES com as principais vias do Plano Cerdà.



Fonte: Google Earth (2016). Adaptado pela autora (2017)

Nesse contexto, conforme Leote (2015, p.28) o sistema viário se edifica em 45°, sendo que o cruzamento das avenidas principais seria o centro de Barcelona/ES, denominado pela Plaça de Les Glòries Catalanes. Já a Gran Via de los Corts Catalanes, é projetada para passar por toda a cidade, possuindo inúmeras ruas paralelas e perpendiculares, de modo que articula as concessões internas. Cerdà ainda cria uma hierarquia viárias, utilizando uma semelhança aos rios, os quais cada vez desaguam em rios maiores, assim ele propõe que, pequenas ruas desembocam em vias maiores, as quais, por conseguinte, desembocariam em grandes avenidas (NARCISO, 2008, p.79).

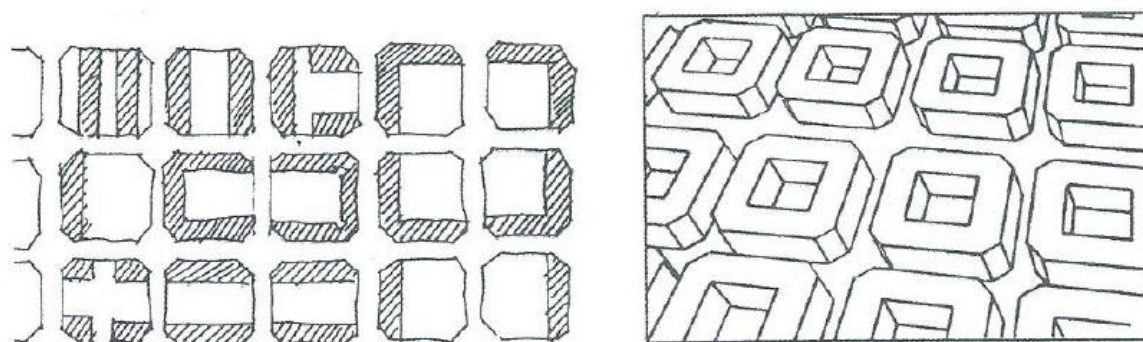
Projetado para 800 mil habitantes o plano de Barcelona/ES era dotado de uma linha pouco comum na Europa do século XIX. Contudo, é sobre a malha quadriculada proposta por Cerdà que consta as mais importantes inovações para a época, haja que, ele rompe com o preceito clássico da edificação continua no contorno das quadras, visto que propõem que seja no interior delas e de modo ordenado pelas vias, que sejam dispostos os edifícios (LAMAS, 2000, p.218). Assim, as quadras foram arquitetadas abertas, admitindo o fluxo de ar e pessoas, ou também poderiam ainda, ser destinadas a áreas verdes (NARCISO, 2008, p.79).

Ao mesmo tempo, para a ocupação da malha, são propostas duas hipóteses. A primeira se define por uma ocupação periférica das quadras em somente dois dos lados, constituindo ruas de 20 metros em seu interior, com blocos paralelos, nesse caso, a construção não extrapolaria dois terços da superfície do quarteirão, e no interior desses blocos se criariam corredores arborizados, com equipamentos. A segunda opção, se define por edifícios dispostos em “L” e a cada quatro quarteirões, nesses parâmetros, se formaria uma praça voltada ao cruzamento das vias, e assim, a rua tradicional seria substituída por grandes avenidas arborizadas (LAMAS, 2000, p.218).

Essas hipóteses propostas por Cerdà determinam os preceitos de construção da cidade, admitindo heterogeneidade de espaços. Os quarteirões também iriam possuir centros cívicos próprios, com igrejas e escolas, e os equipamento de maior prestígio, iriam se disseminar pelo tecido urbano sem designar zonas privilegiadas na cidade (LAMAS, 2000, p.218). Dessa forma, se originaria uma grande riqueza de espaços públicos, os quais teriam o mesmo ritmo geométrico e ainda particularizava o tecido urbano por meio das variações que as mesmas permitiam, assim, ainda fazendo com que se estimasse um poli centrismo de espaços públicos (LEOTE, 2015, p.31).

Ademais, essa idealização, não seria apenas um mero procedimento de loteamento, e sim, um espaço pertencente da cidade, onde se localizariam edifícios e equipamentos públicos (LAMAS, 2000, p.218). Entretanto, a proposta de Cerdà foi considerada excessivamente avançada, fazendo com que apenas o traçado viário permanecesse, e quanto as quadras, elas seriam ocupadas na circunferência e no logradouro, prosperando no sentido habitual dos quarteirões (Representação conforme figura 7) (LAMAS, 2000, p.221).

Figura 7 - Quarteirões como foram idealizados por Cerdà/ Como foram concretizados



Fonte: Lamas (2000).

Diante dessas percepções, a ideia que se tinha até então de Barcelona/ES se dissipou devido a concepção do Plano de Cerdà e do amplo número de edifícios que se ergueram na

cidade diante de sua expansão. Esse advento, fez ainda, com que uma nova oposição se tornasse influente sob a cidade em expansão, fazendo com que Barcelona/ES fosse percebida como uma única unidade⁴⁴ (SCHÖNHERR, 2012, p.70). O Plano de Cerdà teve a oportunidade, perante seu traçado habilidoso que lidava de forma exímia com os vazios, em se tornar a tipologia peculiar de Barcelona/ES. O resultado desse planejamento foi uma regularidade continua de cheios e vazios, os quais enriqueciam cada cruzamento, elevando a condição de referência na cidade, e ainda, proporcionando aos cidadãos uma massa de respiradouros em meio a urbanização compacta (FERNANDES, 2006, p.152).

2.4.2 O Planejamento de 1992

Iniciada em 1975, a passagem política espanhola para a democracia, aconteceu concomitantemente com a crise econômica geral que se vivia desde 1973 em grande parte dos países europeus (CARVALHO, 2014, p.12). Diante desses parâmetros, em meados de 1979, Barcelona/ES, se deparou com muitas deficiências; molestada pelo afastamento de amplas empresas, pelo marasmo da renda e pela redução de sua estima política (PRONI *et al*, 2008, p.15), a cidade se encontrou com zonas de urbanização precária, zonas residenciais especulativas quase sem urbanização, falta de equipamentos e espaços públicos e também carência em transporte coletivo (MUXI, 2010, p.113). Nesse período, Barcelona/ES ainda se encontrava sob o poder do partido socialista, o qual, detinha um plano de ação, que tentaria suprir as carências da periferia, utilizando para isso serviços coletivos - o metro, e também digna habitação. Com isso, existia um plano entre a prefeitura de Barcelona, e os governos da Catalunha e da Espanha, para empregar o país em um contexto social dos principais países europeus (CARVALHO, 2014, p.13).

Assim, a forma que governantes encontraram para contemplar Barcelona/ES novamente no mercado, foi candidatar a cidade para sediar os Jogos Olímpicos que aconteceriam em 1992 (PRONI *et al*, 2008, p.15). Dessa maneira, em 1987, a cidade foi selecionada para acolher os Jogos Olímpicos, com isso, esse advento mudaria inteiramente as perspectivas de ação sobre a cidade e a escala das interferências que iria sofrer (MUXI, 2010, p.116). Entretanto, a chegada dos Jogos Olímpicos em Barcelona/ES, se depara com uma

⁴⁴ Em tradução livre do autor. Texto original: “The perception of Barcelona as a bi- or tri-partite historical city disappeared as a result of the adoption of Ildefonso Cerdà’s plan for the city’s expansion and, also as a result of the increasing number of buildings being built in this constantly expanding city” (SCHÖNHERR, 2012, p.70).

cidade em processo político de transição, e concomitantemente devido a efetivação da União Europeia, a Espanha se encontra em um momento único de amplo crescimento econômico, devido a progressiva cooperação internacional (CARVALHO, 2014, p.13).

Dessa maneira, o fato de sediar as olimpíadas, também eclodiu como uma réplica a esse conjugado de pontos que se remetia a inclusão econômica e política espanhola, catalã e barcelonense na Comunidade Europeia (LIMA JUNIOR, 2010, p.101). Nesse sentido, como Lima Junior (2010) se refere:

Sediar os Jogos Olímpicos funcionaria como um artifício para atravessar escalas, ou seja, articular Barcelona ao restante da Europa, sem a mediação de Madri. De fato, os preparativos para o evento serviriam de pretexto para um projeto de cidade que dava vazão às aspirações de inserção num espaço mais amplo (europeu/internacional) (LIMA JUNIOR, 2010, p.101).

Contudo, o episódio de Barcelona como sede das Olimpíadas de 1992, ainda era mais notório, visto que, a cidade já havia tido uma primeira tentativa de sediar em 1924 os Jogos Olímpicos, contudo essa chance foi fracassada (ARAÚJO *et al*, 2012, p.01). Assim, essa sua conquista no sistema de seleção foi decisiva para a história da cidade, visto que Barcelona/ES introduziu uma completa programação de intervenção olímpica, a qual conseguiu usufruir de diversas especialidades relacionadas aos Jogos Olímpicos (FERNANDES, 2006, p.77). Dessa forma, esse advento colaborou ainda, com um maior anseio e necessidade de alastramento de uma imagem esportiva e positiva da cidade (ARAÚJO *et al*, 2012, p.01), haja que, grandes eventos, como este, se relacionam expressivamente, com o orgulho, com a imagem e com o desejo da localidade em passar a ser concretamente uma hegemonia local. Ademais, também faz com que a cidade abra portas para vários campos de atuação, como o espaço urbano, a arquitetura e até mesmo para a própria cidade (FERNANDES, 2006, p.19).

A intitulação de uma cidade como protagonista dos Jogos Olímpicos, provoca uma tomada de decisões sobre os investimentos indispensáveis para adapta-la à efetivação do evento, nesse âmbito se considera tanto os aspectos físicos, como projetos urbanos, quanto o orgulho da população e o embate no conceito internacional da cidade (PRONI *et al*, 2008, p.21). De acordo com Molet (2010, p.125), os preparativos de uma cidade para receber um evento desse porte, demandam também de uma fase de prévia reflexão, verificando com isso, quais são as intercessões urbanísticas imprescindíveis e avaliando quais mudanças seriam adequadas tanto para a cidade, quanto para o evento. Dessa maneira, em um primeiro momento debateu-se experiências de eventos anteriores que teriam dado certo, visando, com

um regular distanciamento de tempo, atos que já foram efetivados, e em cada episódio desses, avaliou-se também, como inferiram no contexto urbano. Com isso, a proposta que antes era de pequenas intervenções, as quais seriam pontuais, onde a partir dos bairros se recuperaria o tecido urbano, passou a ter grande proporção, cedendo lugar a grandes intervenções urbanísticas que direcionavam para um projeto em ampla abrangência da cidade (LIMA JUNIOR, 2010, p.115).

A idealização e o arranjo de um evento dessa magnitude, atribui notória visibilidade as suas políticas públicas, ao seu potencial econômico, comercial, cultural e turístico. Nesse âmbito, o caso das Olimpíadas em Barcelona/ES se torna emblemático por, além de outros desígnios, tratar também sobre o referencial da industrialização e dos movimentos contemporâneos sociais, culturais e políticos que se vivia na Espanha, e sobretudo, sobre sua evidente melhoria local, a partir do significativo desempenho da cidade no contexto internacional (CARVALHO, 2014, p.11). Além disso, muitos projetos tinham e foram cumpridos e outros administrados, embora uma grande maioria não fosse diretamente necessário para os jogos, contudo, foi exatamente esse fato, um dos essenciais efeitos sob a cidade “deixar como legado dos Jogos Olímpicos o maior número de investimentos totalmente úteis” (PRONI *et al*, 2008, p.16). Como Reis (2010, p.59) também se refere:

Desde o início a opção olímpica foi vinculada ao desenvolvimento do modelo de cidade. Em outras palavras, utilizar o projeto da candidatura olímpica como instrumento e oportunidade para forçar o planejamento de projetos estruturantes, no quadro de uma visão urbana de escala micro e macro, que deveria dotar a Barcelona contemporânea de novas infraestruturas para seu desenvolvimento; qualidade de vida para todos, mediante uma gestão urbanística que permitisse a melhoria dos bairros da cidade; qualidade de praças e ruas; criação de novos serviços básicos; melhoria e ampliação do transporte público e das infraestruturas de mobilidade privada; ampliação do porto e do aeroporto; recuperação de toda a orla marítima da cidade; e ação contundente nas áreas de maior pobreza e marginalidade, por meio de processos de regeneração urbana e reativação econômica. Tudo isso como resultado de uma estratégia global de gestão e de mobilização de recursos e cooperação institucional público-privada (REIS, 2010, p.59).

Nessa conformidade, em meio ao andamento de pretensão e preparação das Olimpíadas, Jordi Borja, geógrafo, urbanista e vice-presidente de Barcelona, conjuntamente com Manoel de Forn, admitiram a organização e composição do plano estratégico para o desdobramento e progresso da cidade em prol dos Jogos Olímpicos de 1992 (FERREIRA, 2014, p.41). Para a elaboração do projeto olímpico, estava previsto doze áreas, contudo ele atuou somente sobre quatro, tendo como base de escolha, o equilíbrio territorial, sendo que, tais planos foram realizados sobre os bairros que se deparavam na desvantagem em

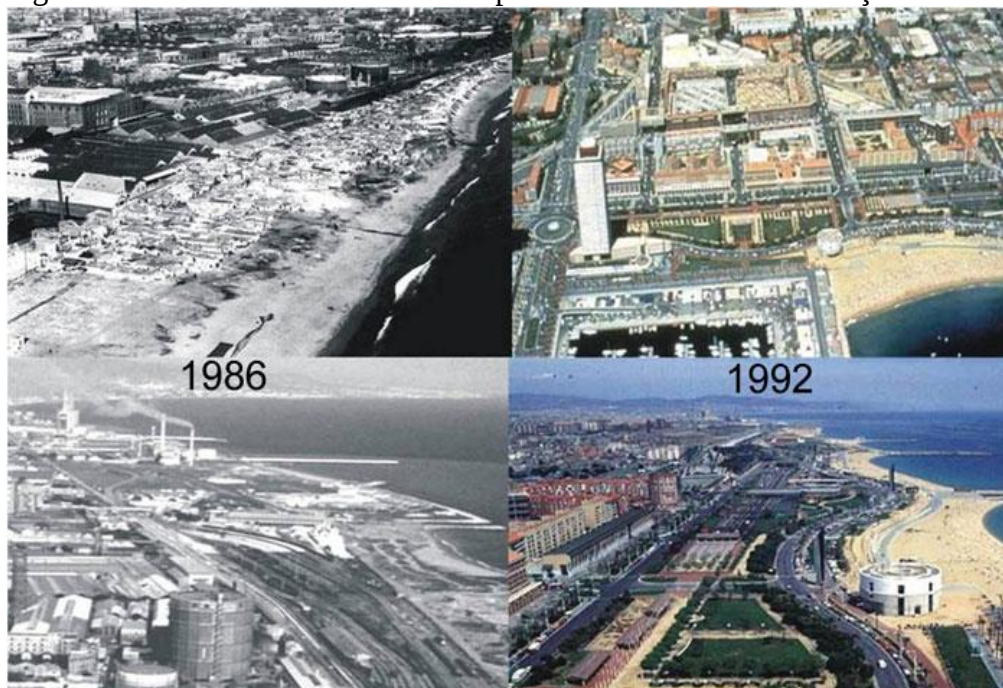
confrontação aos demais (MUXI, 2010, p.116). Paralelamente, outra questão emblemática, foi que os Jogos Olímpicos se distinguiram por sua descentralização, visto que foram destinadas uma série de cidades como sub sedes, entre elas as regiões da Catalunha, Valência e Aragão (PRONI *et al*, 2008, p.17).

Com a nomeação da cidade para sede olímpica, desde 1986 se deu início a um processo de aparelhamento das ferramentas de governança, coordenação interinstitucional, financiamento e gestão do projeto olímpico. Porém, por ser muito abrangente, se escolheu dividir a coordenação dos jogos, entre as operosidades de planejamento e as infraestruturas, surgindo com isso a designação de empresas públicas peritas em tais serviços, as quais seriam coordenadas pela HOLSA (Holding Olímpico Sociedade Anônima), que era financiada em 51% pelo governo da Espanha e os 49% restantes pela Prefeitura de Barcelona (REIS, 2010, p.32). Tal empresa ainda contava com a colaboração extramunicipal, por meio de combinações entre distintas instituições e empresas para a execução dos projetos (ZAPATEL, 2011, p.87/88). Com isso, Barcelona/ES foi um exemplo de que setores públicos e privados em conjunto podem adicionar amplas eficácias, ao invés de concorrer entre si; como afirma Reis (2010, p.27) “o financiamento, conjunto, incorporou tanto a geração de benefícios públicos, quanto medidas de incremento da competitividade empresarial” (REIS, 2010, p.27).

Nesse sentido, os investimentos para as Olimpíadas, significaram uma ótima circunstância para amplos projetos de infraestrutura, entre eles a estação de tratamento de água, nova base de eletricidade e novos sistemas de esgoto, haja que sem esta oportunidade, tais progressos delongariam muito tempo para serem concretizados. Todavia, esses projetos podem ser menos visíveis, contudo indispensáveis para o desenvolvimento dos planos que são evidentes a todos, sendo que, é a partir dessa base bem elaborada, que se dá sustentação para projetos como: as acomodações desportivas, a reconquista e concepção de praias e passeios marítimos, as avenidas perimetrais, entre outros (MUXI, 2010, p.116).

Os fundamentais projetos em termo estrutural na cidade, foram: a edificação do anel rodoviário, o qual era o caminho principal para explorar a circunferência da cidade; a abertura para o mar, com a constituição da vila olímpica; e a criação das zonas olímpicas e de diversos novos centros (PRONI *et al*, 2008, p.17). Nesses parâmetros, Barcelona entre os anos de 1988 a 1991 observou e suportou uma cidade estressada e desordenada a qual era preenchida por obras, no entanto, ao mesmo tempo que a população vivia esse momento, havia ainda um sentimento de surpresa e esperança (Figura 8) (REIS, 2010, p.61).

Figura 8 - Barcelona/ES em 1986 e depois de realizada as intervenções em 1992



Fonte: Prefeitura de Niterói (2013).

A construção dos anéis viários para a cidade foi um dos principais elementos, visto que envolveram toda Barcelona/ES, promovendo melhoras no deslocamento dos veículos (IGLESIAS, 2010). O projeto viário idealizado otimizou a reserva de solo para concretizar um novo conceito de via perimetral, sendo sugerido um sistema duplo; o primeiro era edificado em trincheira, o qual daria suporte a circulação expressa, sendo constituída com três pistas em cada sentido e sem semáforos. Já o segundo, mais complexo, era composto por duas ruas que seriam paralelas, na superfície, possuindo duas pistas em cada sentido, as quais se ligariam com a rede viária local. Dessa maneira, entre os dois sistemas são aparelhados assíduos atrelamentos, haja que, nos 42 km de Ronda, existem trinta elos de entrada e saída, em ambos sentidos de circulação. Tal efeito permite vincular pontos próximos de duas maneiras diferentes, uma por meio da via rebaixada e outra pelas vias em mesmo nível da cidade (Figura 9) (MOLET, 2010, p.131).

Figura 9 - Estrutura viária Barcelona/ES



Fonte: Molet (2010)

Quanto ao mar, Barcelona/ES restabeleceu, redescobriu e apoderou-se, do seu bem, haja que era uma cidade que possuía mar e não o usufruía. Assim, com o advento dos Jogos Olímpicos, se transformou totalmente a orla marítima (IGLESIAS, 2010). Em 1987, com a edificação de um novo porto, o qual seria o meio de transação entre a antiga cidade, já se iniciava uma prática de interferência na orla marítima que unificaria a cidade ao mar. Tais projetos, visavam tanto modificações de proporção intermediária como aquelas de maior competência. Sendo que, tais intercessões de pequena escala seriam para reavivar a relação de Barcelona com o mar (ZAPATEL, 2011, p.88). Com isso, desde o advento dos jogos olímpicos a orla marítima passou a ser uma das principais atrações de Barcelona, as quais possuem inacabáveis calçadões que abrangem todo o litoral, com vastas praias que foram reconquistadas. Entretanto, não foi apenas as praias que se sobressaíram, o porto se constituiu como um centro esportivo e de lazer, com ancoradouros, bares, shoppings, restaurantes e principalmente, como uma nova área turística (Figura 10) (IGLESIAS, 2010).

Figura 10 - Depois/Antes da revitalização na Orla Marítima de Barcelona/ES



Fonte: Portal G1 – Globo Esporte (2016) Foto: J. Trullàs / Barcelona Turisme e Reprodução

Essa reconquista do litoral, foi apenas o princípio do progresso, se faz necessário que esse desenvolvimento continuasse, uma vez que a intervenção olímpica não teve força hábil para conduzir a revitalização em toda a extensão da orla marítima da cidade. Entretanto, a Vila Olímpica concebida, após ser utilizada por um mês (tempo de duração das Olimpíadas), se tornou um bairro pertencente a cidade em janeiro de 1993, o qual detém um setor residencial de categoria, com centralização de atividades e serviços, amplos espaços públicos e facilidade de acesso e mobilidade, com isso favorecendo a região de investimentos, consumidores e usuários, não permitindo que ela se submergisse (Figura 11) (FERNANDES, 2006, p.163).

Figura 11 - Vila Olímpica



Fonte: Fernandes (2006)

Dessa maneira, Barcelona/ES foi uma cidade que ao agenciar as olimpíadas de 1992, soube consagrar seu ensejo para realizar transformações nas estruturas urbanas e efetivar suas atividades econômicas (ZANETTI, 2005, p.34). Como Proni *et al* (2008) relata:

Em suma, Barcelona demonstrou não só que os Jogos podiam dar lucro para os organizadores, mas que podiam ser utilizados como um catalisador para o crescimento econômico e para a modernização urbana, legitimando investimentos que podem beneficiar o conjunto da população. Além disso, pela natureza dos Jogos Olímpicos, Barcelona conseguiu apagar a falsa imagem de uma cidade provinciana, isolada pelas idiossincrasias da Catalunha, tendo sido capaz de se afirmar diante da opinião pública internacional, assumindo a imagem muito positiva de uma metrópole cosmopolita, contemporânea, aberta à interação de diferentes culturas. E isto não apenas ampliou sua força de atração sobre as grandes empresas (como centro de negócios) como impulsionou seu desenvolvimento no campo do turismo internacional (PRONI *et al*, 2008, p.25/26).

As mudanças em Barcelona representaram além dos apontadores, um cartão de visita internacional para a Espanha democrática, uma vez que o país conduziu uma imagem dinâmica e popular, a qual rompe com os clichês até então definidos, fazendo ainda, com que o país se apresente como europeu, e central, diante da União Europeia e comunidade internacional (CARVALHO, 2014, p.17).

2.5 SINTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo mostrar e conceituar o Planejamento Urbano e o Planejamento Estratégico e como esses processos traçam objetivos e táticas para as cidades. Também se analisou os princípios do termo acupuntura urbana e como eles podem se manifestar. Ademais, ainda se compreendeu a história da cidade de Barcelona/ES juntamente com seus dois mais emblemáticos planejamentos, o planejamento urbano de Ildefonso Cerdà e o planejamento estratégico realizado para a recepção das Olimpíadas de 1992. Com isso, no próximo capítulo, será apresentado casos marcantes onde foram empregados tais artifícios.

3 ABORDAGENS

O presente capítulo desdobra-se sobre referências que visam exemplificar casos de Planos de Modificações Urbanas, de Planejamento Estratégico e também de Acupuntura Urbana. Para isso, foi utilizando, referente aos planos de modificações urbanas, o estudo de caso do Plano Haussmann, elaborado para Paris - França entre os anos de 1853 e 1870. Já referente a um enfoque sobre Planejamento Estratégico, foi discorrido sobre O Plano Agache, realizado na cidade do Rio de Janeiro – Brasil, entre 1926 e 1930. E por último, alusivo ao termo acupuntura urbana foi abordado o caso do planejamento urbano da cidade de Medellín – Colômbia.

3.1 O CASO DE PARIS – PLANO HAUSSMANN

Do século XVII em diante, as cidades da Europa abancaram-se, decorrente da revolução industrial e de inúmeras migrações de trabalhadores para as cidades, em um intenso processo de crescimento populacional urbano. Diante desse fato, o momento foi marcado por muitos ensaios e tentativas de reordenamento dessas cidades, sobretudo nos antigos centros. Nesse âmbito, dentre os muitos planos de reforma, o mais emblemático e reconhecido pela história, foi o realizado pelo Barão Haussmann, na cidade de Paris - França (COSTA, 2014, p.04).

Em torno do século XIX, a paisagem das ruas de Paris se encontravam obsoletas e antiquadas; um entrelaçado de ruas estreitas, labirínticas, pouco arejadas e mal iluminadas formavam o arcaico traçado urbano da cidade (MOREIRA, 2013, p.63). No período, Paris também passava por um crescimento urbano caótico, o qual foi molestado pela ampla propagação e crescimento do setor industrial. Paralelamente, o aumento da população se aliava ao desordenado trânsito urbano, as progressivas epidemias e a agitada situação política, a qual era motivada pelas revoluções de 1848 (SILVA, 2012b, p.241).

Diante do contexto, passada a revolução, sobrou ao governo Parisiense, o qual era administrado por Napoleão III, a modificar o aspecto da capital Francesa. Assim, a ideia base, era transformar Paris em um exemplo de cidade ordenada, serena e limpa. Para isso, o pioneiro das intercessões na urbe, e, por conseguinte do termo urbanismo, foi o engenheiro Georges-Eugène Haussmann, o qual modificou Paris e a transformou na cidade mais majestosa da Europa, sendo considerada um modelo do urbanismo oitocentista (SILVA,

2012b, p.241). Dessa maneira, as reformas foram realizadas de 1853 a 1870 e ficaram conhecidas como haussmannização ou Plano Haussmann (PINHEIRO, 2011, p.25).

Paris lida com uma reparação absoluta, que a transforma e a deixa irreconhecível perante seu passado (PALUDO, 2015, p.18). Com isso, nesse período, um novo panorama é edificado e admitido um ideal comum de modernidade, visto que é realizado uma criação de vias e de espaços abertos e um expressivo redimensionamento funcional e estrutural que nunca havia sido feito antes. (BILO, 2009, p.15). Haussmann, como protagonista nessa modificação, conduz um demasiado projeto de reestruturação urbana, sobrepondo um novíssimo traçado sobre a cidade (PALUDO, 2015, p.08). Nesse âmbito, foram seguidos três preceitos fundamentais para as modificações em Paris, os quais segundo Porto *et al* (2007, p.2715) foram definidos pela “circulação acessível e confortável dentro da cidade; eliminação da insalubridade nos bairros densos; revalorização e reenquadramento dos monumentos, unindo-os através de eixos viários e perceptivas”.

Entre todos esses preceitos, a característica mais emblemática do Plano Haussmann, foi o diagrama das vias e a constituição das avenidas bulevares (COSTA, 2014, p.04). Diante dos interesses de Napoleão III, o qual defendia a notoriedade da capital, e por questões de dificultar possíveis revoluções, se optou por demolir as antigas e estreitas ruas medievais, as quais deram lugar a largas e retilíneas artérias (PORTO *et al*, 2007, p.2714). Essas novas vias foram constituídas para dirigir o olhar, de quem por elas passava, pelas infinitas linhas de fuga que se criou, também essas avenidas conectam pontos da cidade, demarcadas por edifícios monumentais e por placas giratórias de circulação, denominadas de rotundas (COSTA, 2014, p.04/05). Diante disso, se sobrepôs, essa nova rede de vias, sobre a cidade, assim, se deu abertura a amplos espaços urbanos e avenidas, transformando ainda os antigos quarteirões medievais (ABIKO *et al*, 1995, p.41).

A estrutura referente aos quarteirões também foi amplamente difundida, Lamas (2000, p.214) explica que o arranjo das quadras satisfazia a uma lógica de reparcelamento cadastral a qual era dada por: cada lote sendo definido perpendicularmente a rua; as divisórias correspondes dos lotes era desenvolvido pela bissetriz do ângulo das ruas; e a forma dos lotes era esboçada com intuito de refutar parcelas de rua a rua ou exagerados espaços sobre o plano marginal. Assim, tais regras foram decorrentes da forma triangular que muitos quarteirões possuíam. Nesse âmbito, o mesmo autor ainda explica que muitas funções foram aparecendo no interior desses quarteirões, sendo por meio da sua sobreposição em vários pisos e pela introdução de equipamentos, que serviços como, pequenas indústrias, artesanato, garagens,

armazéns e até jardins surgiram; ademais, alguns bairros ainda foram dilacerados por galerias comerciais, nascendo assim, os famosos caminhos, o que insinuou o bairro como unidade de passagem (Figura 12).

Figura 12 - Vista aérea da cidade de Paris - França



Fonte: Arquitetura Portuguesa (2012)

Assim, Paludo (2015, p.08) afirma que “Este processo transformou uma cidade, antes caótica, num desenho organizado onde o governo podia exercer seu poder de forma estratégica e planejada”. Mesmo não sendo precursora dessas reformas urbanas, Paris marcou o mundo inteiro pela dimensão de suas transformações. Haussmann após deixar seu cargo, viu a cidade completamente modificada, a capital francesa ficou caracterizada por sua nova estética nas fachadas dos edifícios, os quais se encontravam em extensas e largas avenidas iluminadas e arborizadas, essas que também possuíam inúmeros prédios públicos recém edificadas e uma linha de transporte aparelhada e modernizada (TOURINHO, 2007).

Moreira (2013, p.108) afirma que “Paris tornou-se um modelo à modernidade urbana”. A reforma por qual a cidade passou instigou o sonho da modificação de muitas outras metrópoles, se estabelecendo assim, como o modelo mais disseminado e empregado em transformações de morfologia das cidades até o século XX (BILO, 2009, p.15). Ainda, a reestruturação, por meio de uma exposição de planejamento progressista e higienista, persuadiu muitas cidades a se europeizar (COSTA, 2014, p.05). O modelo de Haussman com

as largas avenidas e a moderna e desafogada Paris, foi amplamente contraído e exportado para o mundo, virando uma alusão mundialmente reproduzida (TOURINHO, 2007, p.08).

3.2 PLANO AGACHE - RIO DE JANEIRO

No início do século XX, algumas cidades brasileiras passam por grandes reformas urbanas, as quais compuseram o auge de um extenso processo de urbanização. Nesse percurso, se procurava modificar o conceito das áreas urbanas, visto que, tinha como objetivo adaptar essas áreas aos novos preceitos modernos e higiênicos, os quais eram consequentes do progresso científico de novas ideologias e tecnologias. A partir disso, a forma de pensar, ver e estruturar a cidade se altera consideravelmente (COSTA; AZEVEDO, 2016, p.198).

Nesse contexto, se destaca a cidade do Rio de Janeiro, a qual no século XX era capital do Brasil, contava com meio milhão de habitantes e ainda era um importante centro comercial agrícola e porto de escoamento de mercadorias. A cidade naquela época era marcada por uma burguesia influente e derivada da produção agroexportadora, a qual visando o modelo europeu de urbanização, pedia por uma cidade mais emblemática que fosse espelho da sua condição social (BORGES, 2007, p.78). Paralelamente a idealização da camada burguesa, a precisão de um plano de remodelação para a cidade já era considerado, uma vez que, políticos e pessoas influentes da sociedade carioca reclamavam da falta de um planejamento urbano que se adequasse a totalidade da cidade (COSTA; AZEVEDO, 2016, p.201).

A partir disso, entre os anos de 1926 a 1930 foi elaborado um plano diretor para a cidade do Rio de Janeiro, pelo urbanista francês Albert Donat Agache. Tal plano, como o próprio urbanista se autodenominou - Plano Agache, visava atender as aspirações da burguesia da época, privilegiado um embelezamento e uma remodelação da cidade, se estabelecendo assim como um plano apenas físico-territorial, o qual não propendia a um plano de desenvolvimento. Com isso, o modelo utilizado no Rio de Janeiro, foi exemplo de planejamento para todo o restante do Brasil, sendo a partir desse momento que se consolida, no país, um urbanismo propriamente dito (ALMEIDA, 2005).

No final da década de 20, após a confirmação de Agache para a elaboração do Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento para o Rio de Janeiro, se manifestou o anseio de um ordenamento do espaço e também uma melhor análise sobre os problemas existentes (REZENDE, 2005). Nesse âmbito, segundo Almeida (2005, p.474) o Plano Agache profetizava duas funções básicas, a primeira de caráter político-administrativo e a segunda de

caráter econômico, visto que a questão econômica era muito crescente no país e a cidade era um fundamental mercado industrial e comercial.

O Plano Agache, detinha de uma estrutura particularizada e funcional para cada elemento que era proposto, fazendo assim, com que cada componente exercesse uma função específica dentro do contexto total urbano, se articulando e se associando à cidade (ALMEIDA, 2005, p.475). É diante disso, que Agache compara a cidade ideal a um organismo vivo, focalizando nos três fundamentais ofícios do corpo humano, a circulação, a digestão e a respiração. Sendo que, a circulação sanguínea se faz em analogia ao sistema viário, haja que as vias de transporte trabalham analogamente as artérias, se unindo ao grande centro, que seria o coração. Já o sistema digestivo é comparado aos esgotos e rede hidráulica, a qual deve ser muito bem operada, pois sustenta todo o bem-estar do restante da cidade. E por último o sistema respiratório, que se dá pelos espaços livres, os quais são considerados os pulmões da cidade, sendo os parques, praças e jardins (BORGES, 2007, p.87).

Figura 13 - Área do centro monumental da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Segre (2010).

Almeida (2005, p.476) explica que a circulação, dentro desses conceitos, era uma das essenciais funções, visto que todas as zonas, bairros e demais elementos, são interligados a partir de um bloco bem organizado de vias. A partir desse contexto, inúmeros projetos se iniciaram, vias foram alargadas e/ou abertas e números parques, praças e jardins foram remodelados. Além disso, o principal projeto realizado, foi a abertura das avenidas Central e

Rodrigues Alves, as quais conectavam o porto a zona Norte; e as avenidas Francisco Bicalho e Beira Mar, que admitiram a união do porto com a zona Sul (BORGES, 2007, p.78).

Entretanto, a iniciativa do projeto era atingir totalmente a extensão da cidade, mas como Almeida (2005) ressalta, o plano se deteve em maior amplitude sobre o centro da cidade, conservando ruas e antevendo ligações. Ademais, o Plano Agache é entregue nos últimos meses do mandato da direção que o inicia, fazendo assim que gere uma descontinuidade, visto que, por ser ministradas por uma gestão anterior, as medidas administrativas propostas geram desconfiança do novo governo.

3.3 MEDELLÍN – COLÔMBIA

Desde o século XIX, a elite intelectual, econômica e política, que era proveniente das operosidades com o ouro e o café, transformaram Medellín, no começo do século XX, depois de sua capital Bogotá, na cidade mais emblemática da Colômbia (CALLE, 2014, p.480). Localizada na região dos Andes, entre o vale de dois dos fundamentais rios que margeiam o país, a cidade de Medellín, decorrente de sua localidade, produziu uma característica importante na acessibilidade e no fluxo de pessoas e mercadorias, entre o interior do vale e outras regiões do país (LONDOÑO, 2013, p.17). Contando com mais 2,8 milhões de habitantes, a cidade se aparelha em 16 comunas urbanas que congregam 249 bairros (CHAGAS, 2016, p.03).

Nesse âmbito, Medellín ficou caracterizada desde a década de 90, por ser a cidade de Pablo Escobar, dos malfeitos e da cocaína. Entretanto, nos últimos anos, a cidade revigora esse cenário, passando a ser vista tanto no país, quanto no continente, por suas reestruturações urbanas, transformações sociais e pelas suas amplas obras arquitetônicas (LONDOÑO, 2013). Sendo nesse panorama que após a constituição de 1991 foi estabelecido um Sistema Nacional de Planejamento do Desenvolvimento Ordenado do Território, o qual é subdividido em três quesitos distintos de planejamento, sendo nacional, departamental e distrital. Assim, desde então, foi elaborado dois planos de desenvolvimento para a cidade de Medellín, o primeiro entre 2004 a 2007 e o segundo de 2008 a 2011, sendo que, ambos foram focados em “desenvolvimento humano, competitividade econômica, sustentabilidade ambiental, prevalência do interesse coletivo e inclusão social” (OTTAVIANO; ZUQUIM, 2014, p.08).

Com isso, Chagas (2016, p.08) explica que: “Os PUI (Projetos Urbanos Integrados) e os MIB (Melhoramentos Integrais de Bairros) foram basicamente os dois principais

instrumentos de intervenção da EDU⁴⁵, que articularam os espaços e equipamentos públicos, além dos investimentos em infraestrutura urbana”. Nessa conformidade, o conceito base era concretizar uma modificação física do espaço urbano, congregando concomitantemente artifícios culturais e sociais, uma vez que seria através desses, que novas afinidades, usos e assimilações de espaços e serviços seriam utilizados taticamente na reconstituição da rede social (CHAGAS, 2016, p.07).

Para isso, Roldán e Neira (2012, p.08) explicam que o projeto de infraestrutura contava com habitação, escolas, parques, bibliotecas, creches, equipamentos de segurança, e mobilidade⁴⁶ (Figura 14). Paralelamente, as mesmas autoras ainda destacam três subsídios relevantes do planejamento social de Medellín, sendo eles: “a inclusão sócio espacial, arquitetura social e criação de espaços públicos e símbolos coletivos”⁴⁷ (ROLDÁN; NEIRA, 2012, p.10).

Figura 14 – Medellín antes e depois do processo de revitalização



Fonte: Medellín, Urbanismo Social (nov.2011). Editado pela autora (2017)

De tal modo, foi a partir de 2004 que o urbanismo social aparece intensamente na cidade, envolvendo com isso, um conjugado de atos por parte do governo municipal. Em um

⁴⁵ EDU: Empresa de Desarrollo Urbano (CHAGAS, 2016, p.07). Tradução: EDU (Empresa de Desenvolvimento Urbano).

⁴⁶ Em tradução livre das autoras. Texto original: “[...] vivienda, parques bibliotecas, colegios, parques lineales, jardines infantiles, equipamientos de seguridad, y corredores de movilidad, constituyen los principales proyectos de infraestructura de los PUI” (ROLDÁN; NEIRA, 2012, p.08).

⁴⁷ Em tradução livre das autoras. Texto original: “Para efectos de esta ponencia destacamos tres elementos que en el discurso del urbanismo social en Medellín, adquieren importancia: inclusión socio espacial, arquitectura Social y creación de espacios públicos y símbolos colectivos” (ROLDÁN; NEIRA, 2012, p.10).

primeiro momento tais ações foram destinadas aos territórios que eram símbolo de marginalização. Dessa forma, se dá início as alterações físicas e sociais pelos territórios pobres, violentos e informais, fazendo com que, nas transformações se priorize as áreas com índices mais baixos de desenvolvimento e qualidade de vida⁴⁸ (ROLDÁN; NEIRA, 2012, p.07). Outra estratégia emblemática também adotada, foi a de construir, anteriormente às maiores intercessões, pequenas obras como playgrounds e/ou melhoras nas edificações públicas já existentes, propendendo com isso, receber credibilidade e confiança da população, haja que diante de todo o contexto em que Medellín já havia passado, sua população era tomada por uma intensa descrença. Ademais, com esse efeito, ainda se ganhava tempo para empreender projetos mais majestosos e elementares (CHAGAS, 2016, p.09).

Outra premissa ainda utilizada, foi o ponto da educação e cultura, o qual por meio de programas estimulados pela prefeitura e por meio de projetos fundamentados na procura cultural, foram realizados melhoramentos nas infraestruturas educativas e também foram efetivados a criação de museus, parques-bibliotecas e a recuperação de áreas centrais. Isto conveio para autenticar os modernos slogans culturais da cidade, “Medellín La más educada” e “El centro vive”, dessa maneira, a prefeitura propendeu a converter Medellín a um exemplo a ser adotado na Colômbia (ORREGO, 2012).

Medellín entre os anos de 2004 e 2011 foi governada por Sergio Fajardo no período de 2004 a 2007, e por Alonso Salazar de 2008 a 2011⁴⁹ (ROLDÁN, 2013, p.126/127), dessa forma, construída a diversas mãos e de maneira contínua, as modificações na cidade provocaram avanços significativos, conceituais e metodológicos como apoio de suas políticas de operação urbana (ZUQUIM *et al*, 2013, p.09). Assim, a cidade opta por uma estratégia distinta para usar tanto a arquitetura quanto o urbanismo como um instrumento para o incremento social. Com isso, os resultados são aparentes em transformações físicas, sociais e funcionais. E ainda, mais notório e emblemático foram as mudanças de caráter e o orgulho dos habitantes em viver e usufruir de novos espaços urbanos (DRISSEN, 2012).

⁴⁸ Em tradução livre das autoras. Texto original: “El urbanismo social aparece con fuerza en la ciudad de Medellín desde el año 2004 para englobar un conjunto de acciones dirigidas por el gobierno municipal hacia territorios tradicionalmente marginados del desarrollo urbano. Comienza a circular con fuerza en el discurso oficial como una noción asociada a la transformación física y social de territorios pobres, violentos y cuya configuración físico-espacial surge de manera informal. En este sentido, se priorizan zonas de la ciudad con menores Índices de Desarrollo Humano y Calidad de Vida para ser intervenidas” (ROLDÁN; NEIRA, 2012, p.07).

⁴⁹ Em tradução livre da autora. Texto original: “En el período de gobierno del alcalde Sergio Fajardo (2004-2007) [...]” (ROLDÁN, 2013, p.126). “En un segundo momento, que corresponde al período de gobierno de Alonso Salazar (2008- 2011) [...]” (ROLDÁN, 2013, p.127).

3.4 SINTESE DO CAPÍTULO

O desenvolvimento desse capítulo apresentou como designo básico exemplificar casos em que tanto o Planejamento Urbano e Estratégico como a Acupuntura Urbana foram magníficos em sua aplicação, e que também como serviram de exemplo e base para muitas outras cidades, inclusive Barcelona/ES, uma vez que é notório que o Plano Haussmann em Paris influenciou grandemente Cerdà em sua elaboração de Planejamento para Barcelona/ES. Dessa maneira, também se conectou o que foi descrito neste capítulo a um melhor entendimento de como estes artifícios trabalham sobre a cidade, auxiliando assim em uma melhor compreensão dos conceitos e métodos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, o propósito do trabalho, foi de realizar uma revisão bibliográfica e suporte teórico para o desenvolvimento do estudo de caso sobre os planejamentos da cidade de Barcelona/ES. Na introdução foram abordados os elementos estruturais da pesquisa, demonstrando seus objetivos gerais e específicos. Tais aspectos tem por finalidade permitir a compreensão do ensejo e necessidade da execução de tal pesquisa.

O segundo capítulo, realizado perante uma ampla pesquisa bibliográfica, se desdobrou sobre as teorias e conceitos do planejamento urbano e estratégico, abordando como se permeiam no espaço urbano e como delineiam seus objetivos e táticas. Juntamente, ainda se analisou os princípios da acupuntura urbana e como interferem na sua relação com as cidades. Ademais, também se explorou a história da cidade de Barcelona/ES, conjuntamente a seus dois mais notórios planos, o de Cerdà e o do Jogos Olímpicos de 1992. Dessa maneira, nesse capítulo foram efetivados os primeiros objetivos específicos, que são: Definir e compreender os conceitos de planejamento urbano e planejamento estratégico, juntamente com suas importâncias; abranger a história, percursos e limitações que a cidade de Barcelona/ES teve sobre a formulação dos planos (para isso estudando e analisando separadamente cada plano); e compreender o termo acupuntura urbana.

Por último, no terceiro capítulo, foi percorrido as abordagens, as quais tiveram como objetivo apresentar sua importância sobre as cidades e relacioná-las ao caso de Barcelona/ES. Assim, foram apresentados exemplos de sucesso tanto em planejamento urbano, como em planejamento estratégico e acupuntura urbana, sendo estudados para isso, respectivamente, o Plano Haussmann de Paris – França; o Plano Agache realizado no Rio de Janeiro – Brasil e o Caso do planejamento de Medellín – Colômbia.

Nesses parâmetros, tais estudos exercidos e executados até o momento, servem de embasamento e apoio para o futuro desenvolvimento da análise de aplicação do tema, juntamente à refutação da hipótese e a conclusão do trabalho.

REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya; ALMEIDA, Marco Antonio Plácido; BARREIROS, Mário Antônio Ferreira. **Urbanismo: História e Desenvolvimento**. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - Departamento de Engenharia de Construção Civil. 1995.

AJUNTAMENT BARCELONA (2017). Disponível em < <http://ajuntament.barcelona.cat/es/> > acesso em 1 maio 2017.

ALDAY, Hernan E. Contreras. **O Planejamento Estratégico dentro do Conceito de Administração Estratégica**. Rev. FAE, Curitiba, vol.03, n.02, p.09-16, maio/ago. 2000.

ALMEIDA, Daniel Vater de. **Plano Agache: A cidade do Rio de Janeiro como palco do 1º Plano Diretor do país e a consolidação do urbanismo no Brasil**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, p.461-482, março 2005.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; DIAS, Maria Aparecida; CABRAL, Breno Guilherme de Araújo Tinoco. **Marathon - Notas sobre a representação do esporte moderno**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esporte e Sociedade Marathon, ano 7, n.19. Março, 2012.

ARQUITETURA PORTUGUESA. A cidade do século XIX. 2012. Disponível em < <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/a-cidade-do-sec-xix/> > acesso em 12 de maio de 2017.

BARIFOUSE, Leonardo. **O planejamento Urbano entre a ordem e o caos**. In: Revista de Direito da Cidade, vol.05, n.01, p.146-169, 2013.

BILO, David Ramos. **PARIS [3 SUTURAS URBANAS]**. 2009. 118f. Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC - Departamento de Arquitectura.

BORGES, Marília Vicente. **O zoneamento na cidade do Rio De Janeiro: gênese, evolução e aplicação**. 2007. 223f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CABALLERO, Ana Pérez. **Acupuntura Urbana: Intervención en la ciudad y participación: Cuatro experiencias**. 2016. Universidade Politécnica de Valência - Escola Técnica Superior de Arquitectura - Departamento de Planejamento Urbano.

CALAVITA, Nico; FERRER, Amador. **Behind Barcelona's Success Story Citizen Movements and Planners' Power**. Journal of Urban History, vol. 26, n.06, p.793-807, set. 2000.

CALLE, Juan José Cuervo. **Moradia social em Colômbia: 1940-1972. A consolidação da habitação moderna em Medellín**. Urbana, vol.06, n.08, p.473-493. Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP. Junho, 2014.

CARVALHO, Jonathas Miranda de. **Os Jogos Olímpicos, a Cooperação Descentralizada e a Aplicação de Políticas Públicas: O Modelo De Barcelona 92 para O Rio De Janeiro**

2016. 2014. 76f. Dissertação Mestre em Ciências – Programa de Pós-Graduação em Relações em Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASAGRANDE, Marco. **Paracity: Urban Acupuncture.** International Conference, Bratislava, novembro, 2014. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/279058320_Paracity_Urban_Acupuncture?enrichId=rgreq-8e8aa9ee8b1c9c2478700dbcd4925eba-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI3OTA1ODMyMDtBUzoyNDM0NDA1OTIwOTMxODRAMTQzNTA1MjE2ODMzMA%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf > acesso 10 abril 2017.

CASAGRANDE, Marco. **From Urban Acupuncture to the Third Generation City.** Journal of Biourbanism, IV, 2016. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/309741134_From_Urban_Acupuncture_to_the_Third_Generation_City > acesso 12 abril 2017.

CASSILHA, Gilda A.; CASSILHA, Simone A. **Planejamento Urbano e Meio Ambiente.** Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. **As Cidades como Atores Políticos.** Novos Estudos, CEBRAP, nº45, p.152-166, São Paulo, julho/1996.

CAVALCANTE, Zedequias Vieira; SILVA, Mauro Luis Siqueira da. **A importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia.** Anais Eletrônico: VII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica. CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Editora CESUMAR. Maringá, 2011.

CHAGAS, Mariana Martinez Wilderom. **Arquiteturas possíveis para políticas urbanas inovadoras: diálogos entre São Paulo e Medellín.** In: Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. 2016.

COSTA, Isadora Novaes Scheffler Barbosa. **As Gran Vías espanholas e as grandes avenidas brasileiras: estudo da influência haussmanniana no urbanismo.** III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, São Paulo, 2014.

COSTA, Milena Sampaio da; AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares. **Agache no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1940. Contribuições profissionais e manifestações na imprensa local.** XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Cidade, Arquitetura e Urbanismo: Visões e revisões do século XX. Escola de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal Fluminense. 2016.

CRUZ, Dayana Aparecida Marques de Oliveira. As Faces do Planejamento Urbano. **Revista Pegada.** vol.12. n.2, p.81-94, dezembro/2011a.

CRUZ, Fernando. **Regularidades sociais e renovação urbanas no centro histórico de Barcelona (Espanha): O caso do Bairro Gótico.** 2011b. UFRN/CCHLA/PPGCS/Bolsista CAPES-DS. Disponível em: < <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo22.pdf> > Acesso em 26 abril 2017.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 1ª Edição. São Paulo: PINI, 1990.

DIAS, Solange Irene Smoralek. **Sistema de planejamento para implementação e monitoramento de planos diretores em municípios brasileiros**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Gestão das Organizações) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DRISSEN, John. **A Transformação Urbana de Medellín, Colômbia**. 2012. Disponível em <<http://architectureindevelopment.org/news.php?id=49>> acesso em 13 de maio de 2017.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. **A ideologia privatista do planejamento estratégico de cidades**. Libertas – Revista da Faculdade de Serviço Social, Juiz de Fora, vol.04 e 05, n. especial, p.68 - 91, jan-dez/2004, jan-dez/2005.

FARIAS, Leonardo. **Planejamento Estratégico, Estatuto da Cidade e Plano Diretor: Métodos e instrumentos de organização e gestão do espaço urbano**. Caminhos de Geografia - Revista Online, vol.10, n.32, p.162-170. Uberlândia, dezembro, 2009.

FERNANDES, Sávio Almeida. **Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planejamento Urbano**. 2006. 337f. Dissertação (Mestrado em Projecto e Planeamento do Ambiente Urbano) Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Porto.

FERREIRA, Ana Margarida Antunes. **Cidades Criativas: Uma estratégia para a regeneração da Baixa de Coimbra**. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitectura) - Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE. Google Earth. 2016

GOOGLE MAPS. Disponível em < <https://www.google.com.br/maps?source=tldsi&hl=pt-BR> > acesso em 10 maio 2017.

GRIFONI, Roberta Cocci; OTTONE, Maria Federica; PRENNA, Enrico. **Tomographic Environmental Sections for Environmental Mitigation Devices in Historical Centers**. Energies, v.10, 2017. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/1996-1073/10/3>> Acesso em 22 abril 2017.

GÜELL, José Miguel Fernández. **Planificación estratégica de Ciudades: Nuevos instrumentos y procesos**. Editorial Reverté, Barcelona, 2006.

HARJOKO, Triatno Yudo. **Urban Acupuncture: An Alternative**. Purposive intervention to urban development to generate sustainable positive ripples for an ‘Aided Self-Help’ Kampung Improvement. Assentamentos informais e habitação a preços acessíveis, p.163-172. 2009. Disponível em < https://www.irbnet.de/daten/iconda/CIB_DC25384.pdf > acesso 18 abril 2017.

HAROUEL, Jean – Louis. **História do Urbanismo**. 4ª Edição. Campinas – SP. 2004.

HOOGDUYN, Rick. **Urban Acupuncture, Revitalizing urban areas by small scale interventions**. 2014. Dissertação (Programa de Mestrado em Planejamento Espacial com ênfase em Design Urbano na China e na Europa) - Faculdade de Ordenamento do Território, Blekinge Tekniska Högskola, Estocolmo.

JORDÃO FILHO, Renato da Silva; OLIVEIRA, Tatiana Souto Maior de. **Planejamento e Sustentabilidade Urbana**. In: Caderno Organização Sistêmica, vol.3, n.2, pp.53-65, jul/dez, 2013.

KNEPER, Gennadi. Rethinking Barcelona: Economy, Politics and Urban Change in Global Historical Perspective. In: **World History Association Symposium**. “Port Cities in World History”. Março, 2014.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 3ª Edição. FCG- Fundação Calouste Gulbenkin. 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2001.

LEOTE, Isabel Navas. **A adaptabilidade das malhas urbanas - função do traçado, uso e serviço à mobilidade: Estudo do tipo “supermanzana” – casos em Barcelona e Lisboa**. 2015. 175f. Dissertação (Mestre em Arquitetura) Técnico Lisboa.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Record, 2011.

LIMA JUNIOR. Pedro de Novais. **Uma estratégia chamada “Planejamento Estratégico”: Deslocamentos espaciais e a atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

LONDOÑO, Luz Stella Carmona. **A estética da natureza e o processo de reprodução do capital nas áreas centrais de Medellín – Colômbia**. 2013. 212f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Departamento de Ciências Geográficas, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Recife-PE.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACEDO, Valter Luiz de. **O Passado de Volta: Planejamento Estratégico, Mercantilização do Espaço Público e Desigualdade Urbana**. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDELLÍN, URBANISMO SOCIAL. Novembro 2011. Disponível em < http://d7.iwrn.org/documentos/eneld7/minimo_vital_de_agua_potable.pdf > acesso 13 de maio de 2017.

MOLET, Ricard Fayos. **Planos, Projetos, Eventos: Barcelona 1992 – 2002**. MEGA EVENTOS. ARQTEXT0 17. Departamento de Arquitetura y PROPAR Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.124-137, 2010.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Planejamento Urbano no Brasil: Emergência e Consolidação. **Etc., espaço, tempo e crítica**. vol.01, n.01 (4). Junho, 2007.

MOREIRA, Adilson de Souza. **Modernidade Em Exposição Modernização Urbana e Signos Metonímicos (Paris, Rio De Janeiro e Florianópolis) [1850-1930]**. 2013. 281f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) - Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MUXI, Zaida. **Episódios da Transformação Urbana de Barcelona**. ArqTexto 17. Departamento de Arquitetura y PROPAR Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.104-123, 2010.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. **ESPAÇO PÚBLICO: Desenho, organização e poder**. 2008. Dissertação (Mestrado Estudos Urbanos) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de geografia, Lisboa.

OLIVEIRA FILHO, João Telmo. **A participação popular no planejamento urbano: A experiência do plano diretor de Porto Alegre**. 2009. 332 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.

ORREGO, Juan Fernando Muneton. **Práticas Contemporâneas no Centro Urbano: O Caso da Revitalização Urbana na Área de Cisneros, Medellín – Colômbia**. III Seminário Internacional Urbicentros. Salvador, 2012.

OTTAVIANO, Camila; ZUQUIM, Maria de Lourdes. **Práticas recentes de intervenções contemporâneas em cidades da América Latina**. São Paulo: FAU, 2014. Disponível em <http://www.fau.usp.br/pesquisa/napplac/trabalhos/praticas_recente_final.pdf> acesso em 15 maio 2017.

PALUDO, Vinicius Augusto. **Legislação e Planejamento Urbano: Uma análise histórica do decreto Nº 190/2000 do Município de Curitiba**. 2015. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Humanas, Letras e Artes - Curso de história, Curitiba.

PASQUOTTO, Geise Brizotti; **O uso da cultura como âncora para o processo de urbanização Catalão: Estudo de caso dos museus MACBA e BLAU em Barcelona**. XVI, ENANPUR. Espaço, planejamento e insurgências, Belo Horizonte, 2015.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Circulação de ideias e academicismo: os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940**. p.119-148. Salvador: EDUFBA, 2009.

PORTAL G1 – Globo Esportes. Maior legado olímpico da história, Barcelona é referência para a Rio 2016. 2016. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/09/barcelona-maior-legado-olimpico-da-historia-e-referencia-para-rio-2016.html>> acesso em 09 de maio de 2017.

PORTO, Aline L. G.; SECCO, Chiara B.; DELGADO, Gisele M.; VERBICARO, Camila C.; DEMARZO, Mauro A. **A Influência “Hausmanniana” nas Intervenções Urbanísticas em Cidades Brasileiras**. XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2007.

PRAZERES, Angela dos. **Planejamento Estratégico: Um estudo sobre sua contribuição na gestão das organizações**. Revista e-Estudante - Electronic Accounting and Management, vol.03 n.03, p.01-14. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Pato Branco – PR, 2011.

PREFEITURA DE NITERÓI. Requalificação do Centro de Niterói. Modelos Urbanísticos em outras partes do mundo. Disponível em < <http://centro.niteroi.rj.gov.br/oprojeto/bonsexemplos.php> > acesso em 10 maio 2017.

PRONI, Marcelo Weishaupt; ARAUJO, Lucas Speranza; AMORIM, Ricardo L. C. **Leitura Econômica dos Jogos Olímpicos: Financiamento, Organização e Resultados**. IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Texto Para Discussão N° 1356. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1533/1/TD_1356.pdf > Acesso em 07 de maio de 2017.

QUEIRÓS, Margarida. **Barcelona(s) Cidade dos projectos ou projectos Da cidade?** Finisterra, XLV, 90, p.07-32, 2010.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas, Soluções Inventivas: o papel da Copa, das Olimpíadas e dos museus internacionais**. São Paulo: Garimpo de Soluções; Recife: FUNDARPE, 2010.

REZENDE, Vera F. **A Comissão do Plano da Cidade, um modelo de gestão e um plano de obras para a cidade do Rio de Janeiro**. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. Salvador, 2005.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. **O Planejamento Urbano como Instrumento Garantidor do Direito à Cidade**. In: Revista de Direito da Cidade, vol.04, n.01, p.71-90, 2012.

RIZZO, Paulo Marcos Borges. **Do Urbanismo ao Planejamento Urbano: Utopia e Ideologia. Caso de Florianópolis - 1950 a 1990**. 1993. 142f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROLDÁN, Suly María Quinchía; NEIRA, Esneda Beatriz Arrieta. **Urbanismo social: Del discurso a la espacialización del concepto. Caso Medellín – Colombia**. 9ª Bienal del Coloquio de Transformaciones Territoriales. Huellas e incertidumbres en los procesos de desarrollo territorial. Tucumán – Argentina, 2012.

ROLDÁN, Suly María Quinchía. **Discurso y producción de ciudad: un acercamiento al modelo de urbanismo social en Medellín, Colombia**. In: Cuadernos de Vivienda Y Urbanismo. vol.06, n.11, p.122-139. 2013.

SALES, Pedro Manuel Rivaben de. **Santos: A relação entre o porto e a cidade e sua (re)valorização no território macro metropolitano de São Paulo**. 1999. 285f. Tese. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

SANTOS, Marcos Olímpio Gomes dos. **Texto de apoio sobre planeamento estratégico aplicado às organizações sem fins lucrativos**. Évora, 2011. Disponível em: <http://home.uevora.pt/~mosantos/download/PlaneamEstrategONGS_28Jul11.pdf> acesso 22 abril 2017.

SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. **Planejamento urbano: para quê e para quem?** In: Revista de Direito da Cidade, vol.04, n.01, p.91-119, 2012.

SANTOS, Alexandre Eduardo. **Do Surgimento da Cidade ao Processo Deconurbação: Elementos Teóricos Para Análise**. In: Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória.

SCHÖNHERR, Ekkehard. **The expansion of Barcelona in the early modern age. Aspects of a historian's access to historical maps and the search for new representations of historical spatial information**. E-Perimtron, vol.07, n.02, p.62-72, 2012.

SEGRE, Roberto. **Rio de Janeiro, Século 21. Atualidade do Plano Agache (1927-1930)**. 2010. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/09.099/3380>> acesso em 17 de maio de 2017.

SILVA, Débora Bernardo da. **O Planejamento Urbano e a Administração Popular de Porto Alegre: Discursos e Práticas**. 2004. 189f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano – PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, José Afonso da. **Direito Urbanístico Brasileiro**. 6ª Edição. São Paulo: Malheiros, 2010.

SILVA, Eugenio Ribeiro. **O Planejamento Estratégico sem plano: uma análise do empreendedorismo urbano no Brasil**. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n.02, p.279-306, dez, 2012a.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da. **A cidade e o urbano: Categorias explicativas e experiências históricas**. Revista Alpha, Revista do Centro Universitário de Patos de Minas, n.13, p.235-243, 2012b.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. M. **A importância actual do Planeamento Estratégico e das Cidades Médias**. Repositório Universidade de Évora. 2000. Disponível em <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2684/1/Importancia_Planeam_Estrategico_Cidades_Medias.pdf> acesso em: 19 abril 2017.

SOUZA, Maria Adélia de. **Governo Urbano**. São Paulo: Nobel, 1988.

SÜRER, İdil Ayral. **Public Space in the Image of Barcelona in Post-Dictatorship Period**. International Journal of Social Science and Humanity, vol.6, n.6, p.446-450, junho, 2016.

TALVISTE, Merle. **A thought of a new place to interac.** Master Thesis in Landscape Architecture. Department of Landscape Architecture Swedish University of Agricultural Sciences, Alnarp, 2010.

TECNOCRÁTICO. Dicionário online Dicio, 17 maio 2017. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>> acesso 17 maio 2017.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes. **Planejamento estratégico como ferramenta de competitividade na pequena empresa: Desenvolvimento e avaliação de um roteiro prático para o processo de elaboração do planejamento.** 2002. 238 f. Dissertação (Mestre em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

TOURINHO, Adriana de Oliveira. **A influência das reformas urbanas parisienses no Rio de Janeiro dos anos 20.** In: Anais das Jornadas. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. 2007

VAINER, Carlos. **Os liberais também fazem planejamento urbano?** In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 105 – 119.

WALKER, Alex; PORRAZ, Bernardo. **The case of Barcelona, Spain.** Escola Tecnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Barcelona, Spain. 2003. Disponível em: <http://www.ucl.ac.uk/dpu-projects/Global_Report/pdfs/Barcelona.pdf> acesso em 03 maio 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos.** 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANETTI, Valdir Zonta. **Planos e projetos ausentes: desafios e perspectivas da requalificação das áreas centrais de São Paulo.** 2005. 395f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZAPATEL, Juan Antonio. **Barcelona: Transformação Urbanística (1979-1992).** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

ZUQUIM, Maria de Lourdes; MAZO, Liliana María Sánchez; BRANDÃO, Ana Júlia Domingues das Neves. **Intervenções contemporâneas em cidades da América Latina: práticas recentes de intervenção urbana em áreas informais. Brasil - Colômbia.** 2013. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.